



# Hino do Rio

*Da praia ao o  
Caramuru, o Rio de Janeiro  
por todo.*

*Tempo de areia e das lindas praias  
Que vivem a alma da gente  
É o calor das nossas conversas  
Que cantam abrigamento*

*Mora do corpo  
Armadado de sol de  
Ipanema...*

*Um bom lugar, pra se  
amar, Copacabana...*

*Cidade maravilhosa  
Praia de areia e sol  
Cidade maravilhosa  
Coração do meu Brasil*

*Rio de Janeiro,  
gosto de você...*

*Quem nasce lá na  
Vila nem sequer  
vacila...*

*Jardim florido de amor e amizade  
Terra que a todos abraça  
Que Deus te abençoe de felicidade  
Ninho de amor e de luz*

*E o Rio de Janeiro  
continua lindo...*

*Copacabana,  
princesinha do mar...*

*Embora todos*

*Milha, alma casta,  
nipo o Rio de Janeiro...*

## ASSINATURA

Envie este cartão com o valor de R\$120,00 (cento e vinte reais) para:  
Revista da Editora Persona, Avenida Rio Branco, número 110, 11.º andar, Rio de Janeiro,  
Lapa, CEP 22257-000, www.personaeditora.com.br

Nome: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_  
 Endereço: \_\_\_\_\_ Cidade: \_\_\_\_\_  
 CEP: \_\_\_\_\_ Estado: \_\_\_\_\_  
 Telefone: \_\_\_\_\_

Personas 11.º ANO 20 ANOS

# Persona *mulher*



*450 anos de Mulheres Maravilhosas*



Editorial

## Rio de todas as mulheres

**E**m 1565, quando Estácio de Sá chegou ao Rio não havia rádio, nem televisão, nem Internet, nem satélites, nem astronautas. Era a fase dos Descobrimentos Portugueses, em que “navegar é preciso, viver não é preciso”. No Morro Cara de Cão onde desembarcou na Urca, não poderia imaginar que estava fundando a Cidade de Encantos Mil, não obstante suas mazelas existentes. Não poderia imaginar que a integração através da língua materna pudesse transformar-se em manifestações de um lindo mosaico cultural, a fazer da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, tambor de ressonância dos grandes momentos do país, porta principal para o turismo nacional. Não poderia imaginar que essa cidade viesse a ter o maior carnaval do mundo, em que desfilam lindas mulheres de todas as cores e tribos. Se alguém tem dúvida, vá ao desfile da Sapucaí e depois nos conte! Não poderia imaginar que essa cidade mesclasse trabalho a impulsionar o seu desenvolvimento com alegria de viver, tornando o ser carioca muito mais

ser do que ter, em um estado de espírito que propaga bom humor e irreverência, a incluir “que ela é carioca, basta o jeitinho dela andar”...

Nesta edição, intitulada Rio, 450 Anos de Mulheres Maravilhosas, uma homenagem àquelas que ontem e hoje marcaram com suas trajetórias emblemáticas a história da Cidade Maravilhosa. De Estácio de Sá as Olimpíadas de 2016, com visão de futuro, uma edição que é fruto de minuciosa pesquisa saúda suas vanguardistas. Narra feitos não registrados nos arquivos oficiais a partir da colonização portuguesa até hoje presentes em nossas relações bilaterais, a exemplo dos nomes de ruas da cidade que enaltecem expressivas figuras portuguesas, em um entrelaçar de fraternidade. Isso sem falar de figuras femininas, a exemplo da legendária Carmen Miranda, ícone artístico do Brasil, *from Portugal*.

Sob a ótica feminina que regula nossa linha editorial, pontuamos a chegada da família real e o seu legado transatlântico. Passamos pela Velha República com mulheres

**Nesta edição, luso-brasileira, intitulada Rio, 450 Anos de Mulheres Maravilhosas, uma homenagem àquelas que ontem e hoje marcaram com suas trajetórias emblemáticas a história da Cidade Maravilhosa**

insubordinadas, como Nair de Teffé e Chiquinha Gonzaga, até chegar à República livre de Ipanema que originou a bossa nova, aqui representada por Nara Leão. Em matérias revisitadas, destacamos a importância cívica da imperatriz Leopoldina para a Independência do Brasil; a de sua neta, a princesa Isabel, para a Abolição da Escravatura; e outras de relevo no Brasil do vice-reinado, a exemplo de Domitila de Castro, nossa marquesa de Santos.

A exemplo de Rita Lee, que diz que “toda mulher tem um pouco de Leila Diniz”, registramos a passagem desta que traçou um novo papel para a mulher brasileira sem nunca ter hasteado uma bandeira, salvo a do Flamengo. Saudamos a literatura brasileira com Nélida Piñon, primeira mulher a presidir a Academia Brasileira de Letras, para quem a palavra é o Olimpo, bem como do outro lado do oceano, a presidenta do Instituto Camões, Ana Paula Laborinho, que trabalha para unir nações tendo como projeto de vida a maior integração de nossa língua materna.

No mesmo diapasão, artistas, políticas, como Benedita da Silva, primeira governadora negra do país; Vera Lúcia dos Santos, primeira Miss Brasil, e Rafaela Lemos, eleita a Musa do Rio. Na

área empresarial, Maria Ercília Leite de Castro, presidenta do Conselho de Mulheres Empresárias da Associação Comercial do Rio de Janeiro, detentora da concessão do bondinho do Pão de Açúcar, cartão-postal da cidade. E ainda, as valorosas jovens que dão sentido maior às suas vidas através do esporte, prontas a honrar o país nos Jogos Olímpicos de 2016, cuja imagem de Maria Lenk é uma referência maior. Olimpíadas que trarão um inegável legado de transformações sociais para o Rio de Janeiro, em que o prefeito Eduardo Paes está a demonstrar pelas obras que desenvolve na revitalização do Rio antigo, para que essa urbe seja cada dia mais maravilhosa.

Muito mais teríamos a falar dessa capital cosmopolita, segunda maior economia nacional. Registrar nossas cientistas abnegadas, missionárias do bem comum, das mulheres guerreiras do dia a dia – a todas essas vai o nosso abraço, elas que já vêm sendo a missão da revista *Persona Mulher* ao longo de 20 anos no trabalho de valorização feminina.

Assim, fechamos esta edição com o poema de Vinicius de Moraes, que além de ser o autor de *Garota de Ipanema*, também fez de *Samba do avião* nosso refrão: “Minha alma canta vejo o Rio de Janeiro”...

*Maria Lúcia d'Ávila Pizzolante*

Presidenta do Grupo Persona Mulher  
luciapizzolante@personamulher.com

# Sumário

10 28 30 44 72



08 Tempos da realeza  
10 Audaciosa Carlota  
11 A imperatriz da Independência  
16 Isabel, a Redentora  
21 Ó abre-alas, eu quero passar!  
27 A vedete do Brasil  
28 A atriz do século  
30 A paixão pela Língua Portuguesa  
32 Grêmio Literário  
35 Democracia: substantivo feminino

A governadora negra do Brasil 39  
Musa do Rio, 450 anos 42  
Rock in Rio comemora 30 anos 47  
Leilão no feminino 53  
Pop Galo nos festejos dos 450 anos do Rio 56  
O cotidiano é sua inspiração 60  
Barcelos, "Portugal sou eu" 63  
Rio maravilha 70  
Olimpiadas no feminino 72  
Um século de encantamento 74

## EXPEDIENTE:

**Diretora-Presidente:** Maria Lúcia d'Ávila Pizzolante (DRT/DF2032/2) **Diretor Internacional:** Embaixador Zouheir Al-lagui **Redatora-Chefe:** Marcia Silveira **Revisora:** Adriane Lorenzon **Diretora de Projetos:** Maria Eugênia Stein **Fotógrafo:** Wilson Ribeiro **Relações Públicas:** Michelle Pizzolante **Lisboa:** Agente Cultural: Alex de Lima **Jornalismo:** Sofia Ferreira **Correspondentes:** Pernambuco: Cylene Araujo Santa Catarina: Maria Helena Silveira Bahia: Helô Sampaio França: Kenya Zanola Alemanha: Nathália Vitola **Capa:** Amanda Viviele **Diagramação:** Marmin Comunicação **Impressão:** Gráfica Coronário **Editora Persona:** QMSW Quadra 5, Lote 2, Conj. C-25, Brasília/DF. CEP:- 70 680 **Portugal:** Rua de Santa Cruz ao Castelo, 10 - Segundo Direito, Lisboa. Código Postal: 1100-157 Tel.: 351-218361 523 **Tiragem:** 30 mil exemplares **Portal:** www.personamulher.com **Sugestões:** persona@revistapersonamulher.com.br

Células cancerígenas se multiplicam sem parar.  
Não tem essa história de fazer pausa  
para fumar um cigarro.



Quando você dá uma chance para o cigarro,  
ele não dá a menor chance para você.

Fumar provoca inúmeros males para o seu corpo.  
Lute contra o vício e proteja sua saúde. Afinal,  
quando o adversário é o cigarro, todo dia é uma  
nova chance de ganhar.



**ALERJ**  
ASSOCIAÇÃO LITERÁRIA  
DO RIO DE JANEIRO

# RIO

## 450 ANOS DE MULHERES MARAVILHOSAS

*De Estácio de Sá a mulheres de ontem e hoje, que ajudaram a construir a Cidade Maravilhosa. Capital do turismo do País, segunda maior economia nacional, tambor de ressonância dos momentos históricos, passarela de mulheres de encontros mil...*

*por Marcia Denise Silveira*

Patrocinadas:



Apelias:





▲ Caravelas portuguesas que trouxeram a família real escoltadas por 13 embarcações inglesas

# Tempos da realeza

A chegada de D. João VI, as transformações sociais e as damas da corte que revolucionaram os hábitos das mulheres brasileiras

DA REDAÇÃO

Com a chegada da corte portuguesa, em março de 1808, o Rio de Janeiro deixou de ser a sede da colônia para se transformar na sede de um dos maiores impérios do Ocidente. Os novos moradores trouxeram não apenas mudanças econômicas e modernização, fundamentais para a consolidação da cidade como polo de referência mundial, mas destacaram o Brasil em relação às demais colônias. No entanto, a vinda da família real trouxe consigo a imposição de novos costumes, comuns à corte, jamais vividos por aqui nos tempos de uma simples co-

lônia. Com a progressiva europeização da cidade, os cariocas passaram a consumir produtos importados, e apesar do calor beirando os 40 graus, adotaram à moda francesa como padrão e passaram a copiar hábitos ingleses. Esse choque com a nova fase foi sentido em todo o país, que passou então a dialogar com o mundo ancorado na uniformidade dos costumes.

Foi na cidade do Rio de Janeiro que D. João VI criou as bases do Estado brasileiro. O soberano, nascido para ser coadjuvante, tido como feio, gordo e sem graça, foi elevado a protagonista com a morte do irmão mais velho, D. José, e a

**Os novos moradores trouxeram não apenas mudanças econômicas fundamentais para a consolidação da cidade como polo mundial, mas destacaram o Brasil em relação às demais colônias**

incapacidade da mãe Maria I. Apesar da aparente inaptidão para o poder, foi o único monarca europeu que sobreviveu às investidas de Napoleão Bonaparte, considerado o maior gênio militar que o mundo havia conhecido desde os tempos dos césores do Império romano. Em suas memórias, no exílio da Ilha de Santa Helena, assim escreveu, referindo-se a D. João VI: “Foi o único que me enganou”. Portanto, longe de ser um soberano medroso, covarde e bonachão, como insiste o senso comum, o nobre português, amante de frango assado, mostrou-se um político hábil, agindo em meio a pressões

diversas como um grande estrategista. Nos trópicos, criou um novo império. Durante os 13 anos em que permaneceu no Brasil, inúmeras foram as medidas positivas adotadas por ele. São exemplos a abertura dos portos às nações amigas, a liberação da atividade industrial e a criação de importantes instituições, entre elas: a Imprensa Nacional, o Banco do Brasil, a Biblioteca Real, a Real Academia de Belas Artes, o Jardim Botânico, a Real Junta de Arsenais do Exército, a Real Academia Militar e, ainda, o Supremo Tribunal Federal (STF), Superior Tribunal Militar (STM) e Polícia Civil. ◇

## A moda do turbante

Antes mesmo de ancorar, as damas da corte fizeram a cabeça das cariocas. Por conta dos piolhos adquiridos ao longo da viagem transatlântica, elas desembarcaram no Rio de Janeiro com as cabeças raspadas ou cabelos bem curtos, protegidas por turbantes. A aparência, que era fruto da necessidade e não de vaidade, encantou as cariocas. Quem estava por aqui avaliou a cena como a última moda na Europa. Cortaram seus cabelos e passaram a usar turbantes

para imitar as nobres escabióticas. Fortes e independentes, as nobres portuguesas não só influenciaram os costumes como transformaram o comportamento das brasileiras, que antes viviam confinadas, privadas de liberdade, subjugadas pelas normas da província. Aqui, a mulher só saía de casa para ser batizada, casar ou ser enterrada. Vestidas de acordo com a moda da corte francesa, essas damas introduziram no cotidiano da sociedade o ensino da música e das artes.



▲ Chegada da família real portuguesa ao Rio de Janeiro

▼ D. João VI, seguido da corte portuguesa, anda pelo Rio de Janeiro





# Audaciosa Carlota Joaquina

A rainha que não aceitou ser coadjuvante e criou sua própria corte

DA REDAÇÃO

Uma das personagens mais polêmicas da história do Brasil, Carlota Joaquina foi considerada por décadas como perversa, vulgar, infiel, devassa, promíscua, invejosa e até assassina. No entanto, grande parte da péssima reputação atribuída à principal figura feminina do Rio de Janeiro imperial pode ter sido resultado de difamações políticas, vítima de uma historiografia machista e tendenciosa. É o que mostram os últimos estudos feitos a partir de cartas de Carlota Joaquina, que revelam uma mulher inteligente, perspicaz, capaz de grande articulação política. Essa nova visão mostra também uma mulher culta, amorosa, maternal e grata. Obstínada e apaixonada pelo jogo político, a rainha do Brasil não se encaixava no perfil das princesas da época, na sua maioria recatadas, cordatas, apagadas, à sombra dos maridos. Ao contrário, Joaquina formou sua própria corte e vivia a maior parte do tempo separada do marido. Era expansiva, extrovertida, fazia-se protagonista da própria vida. Seu temperamento forte contrastava fortemente com o de D. João VI, que era um homem pacato, pensativo, introvertido. Essa disparidade de personalidades, segundo historiadores, fez com que Carlota se sobressaísse, despertando ódio entre os políticos das cortes portuguesa e brasileira. Muitas foram as cons-

pirações contra ela, principalmente com o objetivo de afastá-la do marido, devido à grande influência que exercia sobre ele.

Ainda em 1808, enquanto a corte portuguesa se adaptava ao Brasil, sua família na Espanha foi afastada do poder por Napoleão. Ver seu país humilhado e as colônias da América espanhola caminharem rumo à independência fez com que Carlota travasse duas batalhas políticas ao mesmo tempo: retomar a coroa espanhola para sua família e assegurar a posse das colônias. Como filha primogênita de Carlos IV, era a única herdeira da dinastia em liberdade. Ao declarar-se depositária dos direitos da coroa espanhola, a nobre encontrou dentro do próprio palácio ferrenhos adversários. Sem o apoio do marido e da Inglaterra, Carlota saiu derrotada da mais importante investida política da sua vida. Porém, continuou a atuar politicamente ao retornar à Europa, em 1821, quando se negou a assinar a Constituição Liberal portuguesa, perdeu os direitos políticos e o título de rainha, sendo isolada na Quinta do Ramalhão, perto de Sintra. Mesmo doente e constantemente vigiada, Carlota teve papel fundamental na ascensão do filho D. Miguel ao trono de Portugal. Mãe do rei, Carlota morreu em 1830, cercada de poder e glória como nunca esteve enquanto rainha do Brasil. ◇



▲ Carlota Joaquina e D. João VI.



► Imperatriz Leopoldina assina documento que libertou o Brasil de Portugal antes do grito do Ipiranga

# A imperatriz da Independência

Poucos sabem, mas Leopoldina assinou o decreto que rompeu laços do Brasil com Portugal cinco dias antes do grito do Ipiranga

DA REDAÇÃO

A arquiduchessa da Áustria, Maria Leopoldina Josefa Coralina, primeira esposa de D. Pedro I, diferente mas não menos astuta que a sogra Carlota Joaquina, mostrou-se grande estrategista. Em meio a intensa agitação política, soube usar sua natural perspicácia política, sendo a artífice da Independência do Brasil. Nascida em Viena, desde pequena foi submetida a um programa intensivo de aulas diárias, adquirindo conhecimentos científicos, políticos, históricos e artísticos, além de dominar vários idiomas. Ao contrário do marido, avesso aos estudos e dado à boemia, preferia a vida ao ar livre e era excelente aluna. Em 1817, quando chegou ao Brasil para se casar com D. Pedro I, encontrou por

aqui ambiente muito diferente. Aos poucos, no entanto, afeiçoou-se à nova terra. A conselho do pai, a princesa mantinha-se estrategicamente afastada da sogra geniosa. Em contrapartida, tinha especial apreço por D. João VI, que considerava seu pai na América.

Segundo cartas enviadas à irmã Maria Luíza e ao pai, os primeiros anos da vida conjugal dos jovens príncipes foram felizes. Leopoldina apaixonou-se de verdade por D. Pedro I, tendo, no auge da felicidade, relatado que D. Pedro era marido afetuoso e companheiro. Cavalgar era uma paixão compartilhada pelo casal. Em várias ocasiões, foram vistos em passeios solitários pela floresta da Tijuca, pelos recantos mais bonitos da cidade do Rio de Janeiro, prova de que a união era real e prazerosa, algo incomum para um casamento arranjado. Nos primeiros seis

## A primeira mulher a governar o Brasil decidiu, junto com os ministros, pela separação definitiva do Brasil de Portugal



▲ Imperatriz Leopoldina, ao lado de D. Pedro I

**Por ironia, a vitória representada pela Proclamação da Independência marcou o começo do trágico fim de Leopoldina. Foi durante a viagem a São Paulo, em 1822, que D. Pedro conheceu sua futura amante, Domitila de Castro**

anos da união, tiveram sete filhos.

Com a volta da família real para Lisboa, em 1821, D. Pedro I assumiu o governo no Brasil como príncipe regente, no lugar de seu pai, D. João VI. Nesse período, a jovem imperatriz, que sentiu de perto as transformações pelas quais passou a Europa, viu crescer a tensão no Brasil diante da indecisão do marido em abraçar ou não a causa da independência. Com visão muito mais clara sobre o futuro político da colônia, Leopoldina sabia que, se D. Pedro retornasse a Portugal, perderia o trono no Brasil. Diante disso, aproveitou um período em que assumiu a regência por cinco semanas, durante viagem do marido a São Paulo, e mostrou toda a sua convicção política. A primeira mulher a governar o Brasil convocou em sessão extraordinária o Conselho de Estado e, no dia 2 de setembro de 1822, no Paço da Boa Vista, no Rio de Janeiro, decidiu, junto com os ministros, pela separação definitiva do Brasil de Portugal. Assim, a independência brasileira foi proclamada, no papel, pela princesa Leopoldina, cinco dias antes de D. Pedro dar o grito do Ipiranga “que, segundo pesquisadores, não houve”. Leopoldina provou em solo brasileiro que era a verdadeira descendente de Maria Tereza, a Grande (sua bisavó), imagem bem diferente da mulher submissa, sempre à sombra do imperador, que alguns historiadores insistem em lhe reservar.

Por ironia, a vitória representada pela Proclamação da Independência marcou o começo do trágico fim de Leopoldina. Foi durante a viagem a São Paulo, em 1822, que D. Pedro conheceu a futura amante, Domitila de Castro. À medida que aumentava a paixão entre o monarca e a paulista, crescia o desinteresse pela imperatriz. Nos últimos quatro anos de vida, Leopoldina viveu isolada, sem amor e praticamente sem dinheiro,

numa espécie de cárcere privado.

Segundo historiadores, antes de uma viagem para o Sul do país, o imperador resolveu dar uma festa com a presença de Domitila, motivo da última briga do casal, semanas antes da morte da imperatriz. A morte precoce de Leopoldina, aos 29 anos, causou grande impacto na cidade do Rio de Janeiro e seu funeral teve grande participação popular.

Da herança histórica, salvo a assinatura pouco conhecida do rompimento com Portugal, a memória da monarca surge em diversos logradouros país afora, e é atrelada à alegria, nos carnavais do Rio, quando a Escola de Samba Imperatriz Leopoldinense adentra o Sambódromo. ◇



▲ Hoje a escola de samba Imperatriz Leopoldinense, leva para a Sapucaí o nome da soberana

# Marquesa de Santos

Discriminada em seu tempo, tem seu túmulo como um dos mais visitados do Cemitério da Consolação, e há quem atribua a ela milagres realizados

DA REDAÇÃO

Domitila de Castro do Canto e Mello, a marquesa de Santos, foi uma das figuras mais polêmicas do primeiro reinado. Dama paulistana que ganhou fama e popularidade devido ao relacionamento com o imperador D. Pedro I, para uns, foi imoral, para outros, transgressora, pioneira da emancipação feminina. Titila, como era carinhosamente chamada pelos familiares, casou-se aos 16 anos com o militar mineiro Felício Pinto Coelho de Mendonça, com quem teve três filhos. O casamento não durou muito. Em 1819, depois de dois anos de brigas, vítima da violência do marido enciumado que suspeitava da sua fidelidade, foi ferida com duas facadas quando estava grávida do terceiro filho. Apesar dos dissabores de um matrimônio infeliz, continuou bela e sedutora, principalmente aos olhos do imperador do Brasil.

Amante oficial de D. Pedro I, exerceu grande influência política. Recebeu o título de viscondessa e logo depois marquesa de Santos. Sua posição política liberal contribuiu para moderar a impulsividade do imperador. Com ele, teve cinco filhos, mas apenas duas meninas chegaram à idade adulta. Todos receberam títulos de nobreza. Em 1827, já gozando de todas as prerrogativas de marquesa, com honra e privilégios, Domitila recebeu, ainda, a banda da Real Ordem de Santa Isabel de Portugal,

além de angariar títulos de nobreza para o restante da família.

Após a morte da imperatriz Leopoldina, o receio de um casamento entre o imperador e a marquesa acelerou a busca por uma nobre noiva na Europa. Depois da assinatura do contrato de casamento com Amélia de Leuchtenberg, em 1829, o casal se separou definitivamente. O fim da longa união foi tenso. Domitila estaria por trás do atentado que atingiu a própria irmã, a baronesa de Sorocaba, com quem D. Pedro teve dois filhos. Ao mesmo tempo, o imperador lhe confiscou as filhas. Além de abandonada pelo amante, sem as filhas, viu os amigos destituídos de funções no Paço. Repudiada e ferida em sua vaidade, Domitila deixou o Rio de Janeiro.

Depois de uma vida agitada e polêmica, a marquesa retornou a São Paulo, casou-se com o coronel Rafael Tobias de Aguiar e com ele teve quatro filhos. Viúva, elevando-se à condição de dama de maior prestígio e atividade social de São Paulo, chegou a integrar a maçonaria – atitude pioneira para uma mulher – e a financiar a guerra do Paraguai. Morreu em 3 de novembro de 1867, vítima de enterocolite, e foi sepultada no Cemitério da Consolação, cujas terras foram doadas por ela ao estado de São Paulo. Um movimento constante de peregrinação ronda o túmulo. Há quem atribua à sua alma a realização de milagres. ◇



▼ Residência da marquesa de Santos no bairro de São Cristóvão no Rio de Janeiro





▲ D. Amélia, segunda imperatriz do Brasil, ao lado da filha Maria Amélia de Bragança

# A bela Amélia

A princesa cuja beleza encantou D. Pedro I, a ponto de fazê-lo desmaiar aos seus pés no cais do porto no Rio de Janeiro

DA REDAÇÃO

A segunda imperatriz do Brasil encantou a todos com sua beleza e capacidade de imposição, apesar de todas as dificuldades que enfrentou. Com muita habilidade, mudou os costumes da corte e influenciou na queda de ministérios. Após a morte da imperatriz Leopoldina, D. Pedro mandou para a Europa um emissário especial para uma difícil missão: arrumar-lhe uma nova esposa de alta linhagem, bonita, educada e jovem. Missão quase impossível, já que a fama do imperador na Europa não era a melhor. Suas relações com a Marquesa de Santos eram conhecidas e as humilhações impostas à falecida esposa Leopoldina era comentado nas rodas de conversa entre os nobres. Mas para “má sorte” da marquesa, o emissário, depois de meses de procura, logrou êxito com a aceitação do pedido de casamento da princesa da Bavária, de apenas 17 anos. A moça reunia todas as qualidades exigidas por D. Pedro. Neta do rei da Bavária pelo lado materno, era neta pelo lado paterno da imperatriz Josephine, primeira esposa de Napoleão.

Dona Amélia foi uma das mulheres mais belas e impetuosas do seu tempo. Em 2 de agosto de 1829, casou-se por procuração com D. Pedro. Em novembro, chegou ao Brasil. O esplendor da sua beleza causou um verdadeiro des-

lumbramento na corte do Rio de Janeiro. Conta-se que, ao vê-la, o imperador desmaiou aos seus pés. Encantado com a beleza da segunda esposa, D. Pedro I criou, para homenageá-la e para comemorar a ocasião, a Imperial Ordem da Rosa.

No curto período que passou no Rio de Janeiro, a segunda imperatriz exerceu grande influência na corte. Ao chegar ao palácio de São Cristóvão, percebendo a falta de protocolo que reinava, Amélia impôs à corte, como língua oficial, o francês e o protocolo de uma corte europeia. Tramou com José Bonifácio uma derrubada e troca de ministério. Estava sempre junto do marido em todas as decisões importantes.

Após dois anos de casamento, a situação de D. Pedro como imperador ficara crítica, com movimentos de revoltas tanto na área civil como militar. Aliado a esses fatos, a usurpação do trono de Portugal por seu irmão D. Miguel, em 7 de abril de 1831, D. Pedro abdicou em favor do filho Pedro II, que tinha apenas cinco anos de idade, deixando como tutor José Bonifácio. Após a abdicação, Amélia, que estava grávida, acompanhou-o à Europa. Na França, nasceu a única filha, D. Maria Amélia de Bragança. A imperatriz estabeleceu residência em Paris, com a enteada, a rainha – sem trono – de Portugal, D. Maria da Glória e com D. Isabel Maria, duquesa de Goiás, filha da marquesa de Santos, que acabou adotando por filha. Enquanto isso, D. Pedro I lutava contra o irmão, D. Miguel, pelo trono português. Vitorioso, já com o nome de Pedro IV abdica ao trono em favor da filha, Maria da Glória. Amélia teve atuação fundamental na guerra entre D. Pedro e D. Miguel, conseguindo recursos para as tropas com outros reinos europeus. Mas a alegria da vitória foi abalada pela morte do marido, em 1834. Mesmo assim, manteve influência discreta, mas ativa, junto à família real portuguesa. Após sucessivas mortes de entes queridos, incluindo a filha, a imperatriz se dedicou exclusivamente à caridade. Em 26 de janeiro de 1876, aos 64 anos, faleceu vítima de uma lesão adquirida desde a morte do imperador. ◇



▲ D. Amélia, ainda jovem, vestida com joias da coroa

# Dona Maria II

A princesa carioca que se tornou rainha de Portugal

DA REDAÇÃO

Maria da Glória, primogênita de D. Leopoldina e de D. Pedro I, nasceu no Rio de Janeiro, no Palácio de São Cristóvão, vindo a tornar-se rainha aos sete anos de idade, com o nome de D. Maria II, após D. Pedro I abdicar o trono para ser imperador do Brasil. Em 1828, enquanto a pequena rainha partia rumo a Viena para ser educada na corte dos avós, deixando para trás a mãe sepultada, o pai e os seis irmãos, o tio D. Miguel, a quem estava prometida em casamento, rompeu o acordo de união e se declarou rei de Portugal. Frente a isso, D. Pedro passou a organizar os apoios para a causa liberal contra o irmão, e através da troca de correspondências acompanhou o desenvolvimento intelectual e humano da filha.

Assim, em 1934, após a vitória do pai, D. Maria II aos 15 anos iniciou o seu reinado em Portugal. Para a nova terra, a princesa brasileira levou uma informalidade incomum à corte. Era comum vê-la cavalgando, andando ou fazendo crochê ao lado dos filhos em bancos de jardins públicos.

A única rainha europeia que nasceu fora da Europa, prometeu a si mesma que seria uma boa rainha para aquele povo que a acolheu em festa e uma mulher feliz. Depois do cancelamento da união com o tio, agora exilado, casou-se com Augusto de Beauharnais, que após um ano morreu de difteria.



Mas a jovem viúva não se abalou, obstinada e determinada, encontrou a felicidade na segunda união com D. Fernando de Saxe-Coburgo-Gotha, pai dos seus onze filhos.

À frente de um império marcado pelos conflitos entre liberais e absolutistas, dedicou especial atenção à educação e a cultura. D. Maria II durante 19 anos comandou os destinos de Portugal. A soberana que como nenhuma outra soube manter a cabeça fria, revelou-se uma política de pulso forte e coragem inabalável, que unificou o país. Morreu aos 34 anos em decorrência de complicações no parto do seu 11º filho. ◇

▼ Retrato da rainha Maria II, por Thomas Lawrence. A única rainha europeia que nasceu fora da Europa





# A condessa de Barral

Bela, culta, amante das artes, de personalidade exuberante, foi a mulher que conquistou o segundo imperador do Brasil

DA REDAÇÃO

**A** personalidade moldada pela inteligência, perspicácia e jovialidade foi a grande arma de Luísa de Barral para conquistar definitivamente o coração do segundo imperador do Brasil. Enquanto as mulheres no século XIX estavam voltadas exclusivamente para a vida doméstica, essa baiana, nascida em 13 de abril de 1816, teve trajetória singular. Filha do diplomata e senhor de engenho Domingos Borges de Barros, homem arrojado e de tendências liberais, foi privilegiada pelo ideal do pai, que acreditava em mulheres com educação tão esmerada quanto a dos homens. Estudou nos melhores colégios de Paris e acompanhava o pai em viagens para outros países, o que lhe proporcionou conhecimento de várias línguas. Numa época em que as mulheres viviam à sombra dos homens, foi uma exceção à regra. Quando o pai prometeu sua mão para um amigo de infância, portanto, bem mais velho, Luísa não só ignorou o acordo, como escolheu pessoalmente o futuro marido, o francês Chevalier de Barral, filho do conde de Barral e da marquesa de Montferrat. O casamento não impediu a condessa de viver um grande amor com D. Pedro II. Surpreendendo a todos, mesmo casada estabeleceu um relacionamento de décadas com o imperador.

A história de amor entre a condessa e o imperador foi revelada pela historiadora Mary Del Priore no livro *Condessa de Barral: A Paixão do Imperador*. Segundo a autora, o príncipe que precocemente virou rei ficou encantado com a personalidade

exuberante da condessa. Bela, culta, amante das artes e dos livros, era o oposto da imperatriz Tereza Cristina, cujo intelecto, assim como a beleza, deixavam a desejar. Luísa era arrojada para a época e não hesitava em dizer e fazer o que lhe parecia justo e direito.

Tímido e desajeitado, D. Pedro II era protagonista de uma vida pacata dedicada aos livros e aos encargos do reino. Com a chegada de Luísa ao palácio, para ser preceptora das filhas, Isabel e Leopoldina, D. Pedro viu-se diante de um novo mundo, passou a ter referências do que estava acontecendo na Europa, banhou-se na civilidade, mudou seus hábitos, passou a se vestir melhor e a adotar atitudes refinadas, como ter unhas limpas e aparadas. Encontrou na condessa não somente uma amante, mas uma amiga e conselheira. Luísa teve grande influência no desenvolvimento intelectual das princesas, principalmente na vida de Isabel, que até então tinha como referência feminina a mãe desajeitada e as amas do palácio.

Com o casamento das princesas, ela retornou para a França, período em que foram intensas as trocas de cartas entre ela e o imperador. O relacionamento perdurou até a morte de ambos. Após a Proclamação da República, D. Pedro II, sem Império e sem casa, partiu para a Europa. Na França, hospedou-se no castelo de Luísa, à época viúva como ele. Como manifestação de afeto, o imperador colhia flores e as deixava à porta do quarto da condessa, que foi sua amante até a morte. Em janeiro de 1891, morreu de pneumonia. O imperador faleceu no fim do mesmo ano. ◇

▼ Princesa Isabel com os filhos e a condessa de Barral, sua preceptora



FOTOS: REPRODUÇÃO

# Isabel, a Redentora

Herdeira da coroa brasileira e regente do Brasil, aboliu definitivamente a escravidão no país

DA REDAÇÃO

**P**rincesa Isabel, seguindo a linha transgressora de suas antepassadas, revelou-se uma mulher bem-humorada, com aguçado senso político. Conhecida como a redentora dos escravos, foi a primeira mulher a administrar o Brasil efetivamente, depois do período interino da imperatriz Leopoldina. Com a morte precoce do irmão mais velho D. Afonso, tornou-se herdeira do império brasileiro, sendo por três vezes regente do país, na ausência do pai, o imperador D. Pedro II. Nessas ocasiões, demonstrou grande habilidade política. Era partidária de ideias modernas e vanguardistas. Defendia a libertação dos escravos, a educação pública universal, o sufrágio feminino e a reforma agrária.

Aos 25 anos, tornou-se a primeira senadora do país. Após a morte do pai, em 1891, recebeu, *de jure*, já em plena República, o título de Sua Majestade Imperial, D. Isabel I, Imperatriz Constitucional e Defensora Perpétua do Brasil. Desde a infância, teve uma educação própria aos herdeiros de um trono. Apesar da rígida rotina de estudos, Isabel viveu momentos de descontração ao lado da irmã Leopoldina e de filhos de escravos. Essa proximidade com os negros e o diálogo franco e cordial entre eles, pode vir a explicar sua futura inserção no movimento abolicionista.

Em 28 de setembro de 1871, quando outorgou a Lei do Ventre Livre, liber-

tando os filhos dos escravos, sua posição abolicionista era notória. Como todos os abolicionistas, usava uma camélia na roupa, símbolo do movimento.

Em 13 de maio de 1888, sob forte oposição dos escravocratas, que defendiam que o fim da escravidão prejudicaria as atividades nas grandes fazendas de café e açúcar do país, a princesa assinou a Lei Áurea, no Paço Imperial do Rio de Janeiro, extinguindo a escravidão no Brasil.

Dos abolicionistas, recebeu um buquê de camélias. Da elite escravocrata, representada pelo Barão de Cotegipe, o seguinte cumprimento: “Vossa Alteza libertou uma raça, mas perdeu o trono”. Convicta da decisão, não hesitou em responder com altivez: “Mil tronos eu tivesse, mil tronos eu daria para libertar os escravos do Brasil”.

Na vida pessoal, casou-se com Gastão de Orléans, conde d’Eu. Apaixonados, formaram um casal feliz, e tiveram três filhos, tendo o primeiro nascido onze anos depois da união.

Em 1889, com a Proclamação da República, Isabel, os 43 anos, deixou o Brasil com a família, exilando-se na França, onde teve uma velhice tranquila no Castelo d’Eu, vindo a falecer em 1921.

Em 1953, seus restos mortais foram transferidos, juntamente com os do marido, para o Mausoléu Imperial da Catedral de Petrópolis (RJ). ◇



▲ Princesa Isabel ao lado do pai, o Imperador D. Pedro II



◀Castelo da Ilha Fiscal, no Rio de Janeiro

# O último baile do Império

O esplendor de uma época é revivido por jovens de comunidade carioca

DA REDAÇÃO

No apagar das luzes da monarquia no Brasil, a família Imperial se reuniu pela última vez numa noite de sonho e fantasia como nunca antes o Rio de Janeiro havia presenciado. O Castelo da Ilha Fiscal, às margens da Baía de Guanabara, foi o cenário do baile mais extraordinário entre todos os promovidos pelo Império. Com toda a pompa e requinte, característicos da mais alta nobreza, o evento, em homenagem aos tripulantes do couraçado chileno almirante Cochrane, reuniu o imperador D. Pedro II, a imperatriz Teresa Cristina, a princesa Isabel, o conde D'Eu, o corpo diplomático, o ministério Imperial e membros da alta sociedade carioca. Calcula-se que cerca de 4.500 pessoas compareceram à luxuosa cerimônia que mobilizou o Rio de Janeiro. Pelos salões do palácio desfilou lindamente trajada a nata da aristocracia e da sociedade carioca da época. O evento, realizado em 9 de novembro de 1889, tinha por objetivo rebater a disseminação das ideias republicanas, demonstrando a solidez do Império. No

entanto, ao contrário do proposto pelos organizadores, sua excentricidade e alto custo marcou o último suspiro da monarquia no Brasil. Em 15 de novembro, seis dias após o grande baile, foi proclamada a República.

Mais de um século depois, no fim de 2014, os salões do castelo da Ilha Fiscal abriram suas portas para a realização do sonho de 13 meninas oriundas de famílias de baixa renda. Entre as torres do castelo da Ilha Fiscal, à beira do mar, moradoras da comunidade de Cerro Corá, localizada no bairro do Cosme Velho, zona sul carioca, festejaram os 15 anos em grande estilo. Sob aplausos e *flashes*, as 13 princesas desceram de uma limusine rosa e entraram no salão do castelo, para o tão sonhado baile de debutantes. Viveram um ritual que pertencia apenas ao imaginário dessas jovens. A iniciativa, que teve como critério de escolha, além dos 15 anos completados, a matrícula regular em uma rede de ensino, só foi possível graças à mobilização da Unidade de Polícia Pacificadora de Cerro Corá. ◇



▲ Baile de debutantes revive clima imperial em pleno século XXI



PARA: **EUROPA DIRETO** DE: **BRASÍLIA**

SÓ EXISTE UMA MANEIRA DE CURTIR O INVERNO EUROPEU. DE BRAÇOS ABERTOS.

Voos diários de Brasília direto a Lisboa e de lá para outros 49 destinos europeus. E a cada viagem para um destino além Portugal, na ida ou na volta, você pode parar em Lisboa ou Porto sem qualquer custo adicional na tarifa\*. Voe com quem mais voa entre Brasil e Europa.

\*Consulte condições com nossa central de vendas e reservas 0300 210 60 60 ou com seu agente de viagens.

flytap.com

TAP PORTUGAL de braços abertos

A STAR ALLIANCE MEMBER

# As insubordinadas

Elas quebraram paradigmas, questionaram as regras vigentes, afirmaram sua posição e transformaram a estrutura da sociedade patriarcal

**A**ntes do início do século XX, o papel da mulher na sociedade resumia-se a casar, ter filhos e sair pouquíssimo de casa, devotando toda sua vida ao marido e sendo condicionada a viver dentro de um sufocante regime patriarcal. Mas algumas mulheres, inspiradas pelas ideias revolucionárias da época, desafiaram a sociedade para escrever a própria história. Elas abriram alas para as demais e tornaram a situação das mulheres de hoje, embora ainda complicada, um pouco mais fácil. ◇

Palácio do Catete atual  
Museu da República

# Ó abre-alas, eu quero passar!

DA REDAÇÃO

Chiquinha Gonzaga nasceu em 1847, fruto do relacionamento de um militar de alta patente no Exército Imperial e de uma mulata. Desde criança, demonstrou especial interesse pela música. Por pressão paterna, casou-se em 1863, aos 16 anos, com o fazendeiro e oficial da Marinha Jacinto Ribeiro do Amaral, que não valorizava sua paixão pela arte. O ciúme era tanto que recebeu do marido um ultimato: “Escolha a música ou eu”. Chiquinha não hesitou em voltar-se para a música. Desafiou e transgrediu os costumes machistas, sendo protagonista de um escândalo, já que, na época, as mulheres separadas eram vistas como alheias à sociedade.

Após a dura escolha, deu aulas de piano, animou festas domésticas ao lado do conjunto Choro Carioca e tocou em lojas de instrumentos. Passou a escrever e publicar partituras e, em 1885, tornou-se a primeira mulher a reger uma orquestra no Brasil. Vendia seus impressos de porta a porta. *Atraente* foi o primeiro sucesso, composto aos 29 anos de idade. Nesse período, participou da campanha abolicionista, sendo presa, e também dedicou-se à campanha republicana.

Aos 52 anos, Chiquinha outra vez rompeu tabus. Apaixonou-se por João Batista Fernandes Lage, um músico de 16 anos. Temendo o preconceito, fingiu adotá-lo como filho e, posteriormente, mudou-se com o jovem para Lisboa, a fim de viverem longe da pressão da sociedade carioca. De volta ao Brasil, em 1900, conheceu Nair de Teffé, caricaturista e primeira-dama do Brasil, esposa do presidente marechal Hermes da Fonseca, outra revolucionária. Mais uma vez escandalizou

a sociedade da época tocando música popular nos salões do Palácio do Catete, para desgosto da elite conservadora.

Reconhecida como uma das maiores compositoras e instrumentistas da música brasileira, sua obra tem mais de duas mil composições. *Ó Abre-Alas*, composta após a passagem do cordão Rosa de Ouro sob sua janela, no Andaraí, Rio de Janeiro, faz sucesso até os dias de hoje nos carnavais do Brasil. Chiquinha faleceu em seu apartamento aos 87 anos de idade, às vésperas do carnaval de 1935, ao lado de João Batista Lage, seu grande amor. ◇

Eternizada pelo talento e pioneirismo, ela continua viva no coração dos brasileiros por suas memoráveis canções



# A primeira caricaturista

Primeira-dama na Velha República, crítica, retratou, com traços mordazes e hilariantes, personalidades da época, em que Ruy Barbosa foi um de seus preferidos

DA REDAÇÃO

**N**air de Teffé nasceu nobre, filha de Antônio Luís von Hoonholtz, o barão de Teffé, grande herói da Batalha do Riachuelo. Acompanhando do pai em viagens ao redor do mundo, assistiu de perto ao nascimento de todo o esplendor da Belle Époque parisiense. Educada na Cidade-Luz, aprendeu diversos idiomas, tocava piano, era atriz e foi a primeira mulher eleita *Miss Brasil*, através de fotografia, tendo sido uma intelectual de vanguarda. Como caricaturista, assinava os desenhos com um anagrama de seu nome: Rian (Nair de trás para frente). Trabalhou como colaboradora dos diários cariocas *A Careta*, *O Malho*, *Gazeta de Notícias* e *Fon-Fon*, este último com desenho marcado por irreverência e humor, sátiras dos costumes e personalidades da alta

sociedade carioca.

Aos 26 anos, casou-se com o presidente Hermes da Fonseca, 31 anos mais velho. Enquanto primeira-dama, abriu as portas do Palácio do Catete para a música popular brasileira. Chocou a sociedade da época por introduzir saraus na vida palaciana, com músicas que não eram clássicos europeus. Ao tocar o maxixe "*Corta jaca*", de Chiquinha Gonzaga, proibida até então, enfureceu Ruy Barbosa, senador da República e grande desafeto do marido, a quem respondeu com uma hilária caricatura no Senado Federal.

Audaciosa e irreverente, cantou *Miss love* no Municipal, peça escrita por Coelho Neto especialmente para ela. Em outro momento, compareceu a um baile de gala no Itamaraty com um vestido em cuja barra da saia constava a caricatura de todos os ministros de Estado.

No fim da vida, Nair ainda pegava canetas, lápis e tintas para retratar personalidades da época como Café Filho, Jânio Quadros, Carlos Lacerda, Costa e Silva, Grande Otelo, Aracy de Almeida, Silvio Santos, entre outros. Uma das grandes emoções de sua vida, que recordou com saudade até a morte, foi ter cantado trechos de *O Guarani*, de Carlos Gomes, no Winter Palace, em Londres. Do Palácio do Catete, onde residiu, disse não guardar nenhuma saudade. "O poder é perverso", declarou em certa ocasião em entrevista à *Persona Mulher*. A grande dama partiu no exato dia em que completou 95 anos, em 10 de junho de 1981. ◇



*Camila,  
prematura  
de 7 meses  
e futura  
cantora.*

f / minsaude | t / minsaude

#DoeLeiteMaterno

*Seja doadora de leite materno e faça a diferença na vida de muitas crianças.*

Doe, incentive e ajude a escrever um futuro brilhante para quem mais precisa.  
Informe-se no banco de leite humano mais próximo.



Ministério da Saúde



É o Governo Federal trabalhando para o Brasil avançar.



FOTO: CHÁ DA DUAS PRATO • DESIGN: BEAUTY NEL LIMA, RICARDO MATA HAIR • MAKE UP: VIVIANE



FERNANDO PEIXOTO

ATELIER ALTA COSTURA

GOIÂNIA

RUA 139 N.264 SETOR MARISTA (62) 3942 1960

BRASÍLIA

SHIS QI 21 BLOCO E LOJA 40 LAGO SUL (61) 3365 4732

ATELIERFERNANDOPEIXOTO.COM.BR  
FACEBOOK.COM/ATELIERFERNANDOPPIXOTO



▲ Confeitaria Colombo

# A vedete do Brasil

DA REDAÇÃO

**V**irgínia Lane viveu a época do humor picante, das imitações. Foi a vedete número um do Teatro de Revista. Nasceu em 1920 no bairro do Estácio. Aos 15 anos, estreou no Cassino da Urca e, aos 18, já atuava no cinema. Chegou a cursar um ano de direito, mas o amor pela arte falou mais alto. O auge da carreira foi na década de 1950. Virgínia participou de 32 filmes e dezenas de peças. Protagonista do primeiro nu do cinema nacional, aos 34 anos estourou nas rádios com a música *Sassaricando*. Recebeu a faixa de Vedete do Brasil das mãos do presidente Getúlio Vargas, com quem teve um romance durante 15 anos. Com apenas 1,50 m de altura, era chamada pelo radialista César Ladeira de Garota Bibelô.

Figura popular no cenário carioca, era aguardada nos fins de tarde pelos frequentadores da Confeitaria Colombo, que lá permaneciam para admirar a artista, cuja beleza das pernas era unanimidade nacional. As portas da casa de doces mais famosa do Rio, cantava: “Os velhos, na porta da Colombo, era um assombro, sassaricando”. A centenária Colombo, palco de grandes transformações

sociais da então ex-capital do Brasil, durante o dia era frequentada pelas senhoras para o tradicional chá da tarde. Ao cair da noite, com as luzes acesas, transformava-se em palco para o brilho de artistas, dando vez a uma alegria esfuizante. A ex-vedete morreu em 10 de fevereiro de 2014, aos 93 anos. ◇



Ela abandonou a faculdade de direito e seguiu seu destino artístico

FOTOS: REPRODUÇÃO

# A Pequena Notável

O sangue português deu passagem ao ritmo brasileiro, levando o cariocês para o resto do mundo

DA REDAÇÃO

**M**aria do Carmo Miranda da Cunha nasceu em Portugal, mas ainda bebê veio com os pais para o Brasil. Em solo tupiniquim, eternizou-se como Carmen Miranda, a Pequena Notável, que encantou a todos com sua voz vibrante, jeitos e trejeitos espontâneos, sendo até hoje a artista brasileira que mais fez sucesso no exterior.

A trajetória artística teve início no fim dos anos 1920 e se perpetuou no Brasil e nos Estados Unidos até a década de 1950. Com estilo único, criou

uma forma de cantar, dando contornos maliciosos ao samba, de maneira espontânea e divertida, rompendo com as pompas da época. Além de cantar, dançar e atuar, criava o próprio figurino, composto por roupas tropicais, extravagantes e coloridas, com turbantes enfeitados de frutas, e nos pés, as altíssimas sandálias plataforma invenção para disfarçar o 1,53 metro de altura. Foi assim que essa artista multimídia, muito antes de o termo existir, levou a malandragem, a sensualidade e o cariocês para o resto do mundo.

No Brasil, Carmen despontou nos anos da chamada Época de Ouro da música brasileira, em 1939, ao interpretar o samba *O que é que a baiana tem?*, do então desconhecido Dorival Caymmi. Foi ao som dessa canção que a Pequena Notável assumiu definitivamente os gestos que a imortalizaram. Em maio do mesmo ano, desembarcou nos Estados Unidos.

Figura singular, cantando em português e se expressando com as mãos, pés e quadris, conquistou os norte-americanos, tornando-se a Brazilian Bombshell, ou seja, explosão brasileira. Em 1941, gravou pés e mãos na calçada da fama do Chinese Theater e recebeu uma estrela de ouro com seu nome nas calçadas do Hollywood Boulevard. Cinco anos depois, tornou-se a artista mais bem paga de Hollywood.

Na cidade dos sonhos, sua figura exuberante também influenciou a moda. Não demorou muito para que as butiques da Quinta Avenida dividissem as criações de Chanel e Dior com os vestidos, turbantes, sapatos plataforma e balangandãs à la Carmen.

Morreu em 5 de agosto de 1955, aos 46 anos. ◇



FOTOS REPRODUÇÃO

18 VA 24  
VISTA ALEGRE  
PORTUGAL

VISTA ALEGRE RECONHECIDA INTERNACIONALMENTE  
PELA EXCELÊNCIA DO SEU DESIGN.

reddot design award  
winner 2015

Dish  
by Clara Bergen  
- VA Studio

reddot design award  
winner 2015

Cups  
by David Raffoul  
e Nicolas Moussalem

A aposta da marca na inovação, no design e na arte foi recentemente recompensada com três distinções internacionais. Duas coleções receberam o prestigioso Red Dot Design Award 2015, tendo uma delas conquistado igualmente o Wallpaper Design Award 2015, atribuído pela reputada revista inglesa.

myvistaalegre.com



Teatro Municipal do Rio de Janeiro



Academia Brasileira de Letras

# Atriz do século



DA REDAÇÃO

**B**ibi Ferreira, uma das lendas vivas da cultura brasileira. Filha do ator Procópio Ferreira e da bailarina espanhola Abigail Izquierdo Ferreira, tinha menos de um mês de vida quando, nos braços do pai, representando uma criança, entrou pela primeira vez em um palco para nunca mais sair. O talento natural não demorou a ser descoberto – aos sete anos, tornou-se a atriz mirim mais querida da Cidade Maravilhosa, entrou para o Corpo de Baile do Teatro Municipal, e só saiu para estreiar na companhia do pai.

Em 1944, três anos depois de es-

trear profissionalmente, montou a própria companhia, que reuniu nomes importantes da história do teatro brasileiro como as atrizes Cacilda Becker e Maria Della Costa e o ator Sergio Cardoso, sendo uma das primeiras mulheres a dirigir teatro no país. Já consagrada, ganhou destaque especial em 1983 quando trouxe ao palco sua admiração pela cantora francesa Edith Piaf, interpretando *A Vida de uma Estrela da Canção*. Sucesso de público e crítica, visto por mais de um milhão de espectadores durante os seis anos em que ficou em cartaz, rendeu-lhe prêmios importantes, como Mambembe e Molière.

Com 93 anos de idade e 74 de carreira, sem ter parado de trabalhar, já protagonizou, dirigiu ou escreveu mais de 150 espetáculos teatrais. Bibi Ferreira, que recentemente interpretou Edith Piaf no Teatro Municipal, em homenagem aos cem anos da cantora francesa, retorna para cantar Sinatra. Inédita pela ousadia, é a primeira mulher a fazer um espetáculo só com músicas interpretadas pelo cantor. *Bibi Ferreira Canta Repertório de Sinatra* está em cartaz no Theatro Net Rio, no Rio de Janeiro. ◇

Com 74 anos de carreira, 93 de anos de idade, essa artista polivalente cantou no Teatro Municipal, em homenagem ao centenário da cantora francesa Edith Piaf, sendo aplaudida de pé



FOTOS REPRODUÇÃO

# Diva da literatura

DA REDAÇÃO

Escolhida para representar a deusa Atena na abertura dos Jogos Olímpicos de 2016, primeira mulher eleita presidenta da ABL é carioca, cujo encanto se traduz pelo respeito à arte e à vida



**N**élida Piñon, carioca de Vila Isabel, é uma das mais importantes escritoras do Brasil. De origem galega, tornou-se a primeira mulher de Língua Portuguesa a receber o prêmio internacional mais importante da América Latina – Juan Rulfo. A escritora desde pequena deixou-se invadir pelos fluxos da imaginação e da memória. “Sempre fui muito atraída por aquilo que a imaginação me dava. Eu, mesmo não sabendo o que era imaginação, me deixava levar pela voragem das ideias, dos pensamentos, das histórias, das narrativas que eu adorava”, compartilha.

Reconhecida dentro e fora do Brasil, integra o grupo de mulheres singulares que, com a trajetória de sucesso, abre espaço para as futuras gerações. Vanguardista e revolucionária, foi convidada a representar a deusa Atena da sabedoria, para o vídeo de abertura dos Jogos Olímpicos de 2016. “Senti-me lisonjeada por fazer parte desse grupo de brasileiros reunidos para enaltecer a beleza desta cidade, diante de tanto esplendor.”

Nélida, ocupante da cadeira de número 30 da Academia Brasileira de Letras, vê na imortalidade o conceito

da distinção, da perpetuação da obra. “Entrei na Academia não pela glória, mas pela memória”, afirma. Em 1996, ano em que a Casa comemorou o centenário, foi eleita presidenta, sendo a primeira mulher a ocupar tal cargo.

Com obra literária extensa, teve o primeiro romance, o *Guia Mapa de Gabriel Arcano*, lançado em 1961, e o mais recente *A Camisa do Marido*, em 2014, declara-se uma pessoa aberta para o mundo. “Eu sou devedora a todos. Tudo me motivou a fazer o esforço de interpretar o mundo”, observa. ◇



FOTOS REPRODUÇÃO

# A paixão pela Língua Portuguesa

Falada por 244 milhões de pessoas, atravessa o Atlântico em afirmação internacional, como ferramenta de crescimento econômico e social



MARCIA DENISE SILVEIRA

**A**na Paula Laborinho, presidente do Camões - Instituto da Cooperação e da Língua, em entrevista à revista *Persona Mulher* fala sobre a importância da língua materna para o desenvolvimento dos países lusófonos. Doutora em Estudos Literários pela Universidade de Lisboa, ela que, desde a infância, é fascinada pela Língua Portuguesa, vem divulgando sua importância mundo afora. “Estar à frente do Camões, que possui representação em 72 países, é mais do que uma grande responsabilidade, é um projeto de vida. É preciso ter muita dedicação para presidir esta Casa. Hoje em dia, o Camões não está somente à frente da língua, mas também do desenvolvimento dos países de Língua Portuguesa”, ressalta.

Nesse sentido, Ana Paula explica que o Instituto trabalha com três grandes pilares. “No primeiro, trabalhamos em áreas que vão da justiça à defesa. Depois, temos um pilar social em termos

de educação e saúde que é muito importante. Já o terceiro, mais recente e desafiante, é o pilar do desenvolvimento privado, que ajuda os países a desenvolverem o próprio setor privado”, pontua.

Segundo Laborinho, o Camões tem protocolos em 350 mil cidades e coordena cerca de 600 pessoas no mundo. “Apesar de termos uma estrutura relativamente pequena, temos um efeito multiplicador que é uma grande responsabilidade diante do interesse cada vez maior pela Língua Portuguesa. É um interesse que não passa apenas pela dimensão da comunicação, passa também por níveis de especialização como o setor jurídico, de negócios e saúde.”

Para ela, é fascinante acompanhar a projeção internacional da Língua em todos os países lusófonos. “Ao contrário de outras políticas de línguas, nós, em relação ao português, temos uma política conjunta. Não é um país que determina o que se deve fazer em relação aos outros, não! Somos nós todos, porque a Língua Portuguesa não é propriedade de um país, é um patrimônio de cada um e de todos. Naturalmente, em termos de língua, todos os países têm algo a dizer, mas a capacidade de intervenção neste momento é maior quando pensamos em Portugal e Brasil, que está do outro lado do Atlântico com tanta força e sinergia”, afirma.

Falado por 244 milhões de pessoas em todo o mundo, o português é a sexta língua mais falada no Planeta, a quinta mais usada na Internet e a terceira nas redes sociais como Facebook e Twitter. A presidente do Instituto Camões vê esse crescente interesse como uma ferramenta de fortalecimento e crescimento econômico. “Nossa língua por muito tempo foi considerada um aspecto de fragilidade e hoje é considerada um aspecto de força, por estar presente em países em pleno desenvolvimento e estabilidade econômica. Isso hoje, no mundo em que

vivemos que valoriza as redes, é muito importante, fortalece a política externa desses países.

Outro viés importante no desenvolvimento dos países lusófonos apontado por Ana Paula são as questões de gênero. “Todos os projetos que fazemos em termos de cooperação para o desenvolvimento têm o enfoque transversal das questões de gênero. Nós sabemos muito bem a importância do empoderamento da mulher para o desenvolvimento da sociedade. Portanto, hoje em dia, a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) está envolvida nesses preceitos”, reforça.

Desde que assumiu a presidência do Instituto Camões, em 2010, Ana Paula tem como missão a internacionalização da Língua Portuguesa. Apesar dos crescentes desafios, não considera o encargo difícil. “Não é muito difícil porque neste momento o Português já está numa fase de expansão e de integração. Isso naturalmente tem muito a ver com o fato dos países de Língua Portuguesa estarem mais prósperos, numa trajetória de crescimento e de afirmação internacional.” ◇

▼ Fachada do Camões - Instituto da Cooperação e da Língua. Com representação em 72 países, tem protocolos em 350 cidades e coordena cerca de 600 pessoas







Com estatuto aprovado pela rainha D. Maria II, nascida carioca, filha de Dom Pedro I, esse reduto da intelectualidade, existe há 169 anos, tendo entre os signatários nomes ilustres da cultura europeia

▲ Interior da biblioteca que reúne um acervo de 13 mil livros do século XIX

# Grêmio Literário: o templo do saber

MARCIA DENISE SILVEIRA

José Macedo e Cunha, presidente do Grêmio Literário em entrevista à revista *Persona Mulher*, relata um pouco da história do templo da intelectualidade de Lisboa, cujo estatuto traçado em carta régia pela rainha D. Maria II, em 1846, é, desde então, espaço fiel à finalidade de promover a cultura da terra de Camões. O escritor Alexandre Herculano, por exemplo, foi um dos fundadores, seguido por

nomes como Almeda Garret, Rebelo da Silva, Mendes Leal, Rodrigo da Fonseca, Fontes Pereira de Melo e Rodrigues Sampaio. Nesse local, o filme *Os Maias* inspirado em obra de Eça de Queirós teve várias cenas locadas.

Macedo e Cunha, que tem laços de amizade e empresariais na cidade do Rio de Janeiro, fala do suntuoso palacete de arquitetura romântica, único na região do Chiado, em Lisboa que



dirige. “O Grêmio possui uma biblioteca que reúne cerca de 13 mil livros, acervo composto principalmente por obras do século XIX e que vem sendo atualizado com títulos mais recentes. Aqui, Eça de Queiroz e amigos costumavam consultar os jornais e revistas francesas. Anualmente é oferecido um jantar dedicado à memória de Eça de Queiroz em 25 de novembro, data de seu nascimento.”

Segundo Macedo, o clube europeu utiliza as dependências para reuniões, em um espaço contíguo de estilo vitoriano. Templo da cultura europeia, promove recitais, lançamentos de livros, conferências, debates científicos e políticos, onde em seu jardim interno, a revista *Persona Mulher* será lançada em 15 de julho, com a edição luso-brasileira, que exalta a importância da Língua Portuguesa como elo de integração transatlântica, em evento apoiado pela Embaixada do Brasil em Portugal, no que Macedo e Cunha pugna pela propagação da letra materna.

O ambiente esplendoroso é um convite para se reviver uma época de grande requinte. Uma linda sala para jantares festivos decorada em espelhos, revestida em tecido adamascado e estilo neobarroco, chama atenção. Da varanda, na qual os sócios almoçam e jantam, segue um jardim privativo, com vista para o Tejo, sendo um dos espaços mais românticos da Casa.

Com parcerias com outras instituições e afins na Europa e Américas, o convívio internacional une os sócios atuais como o ex-presidente Mário Soares, o escritor Antônio de Almeida Santos, a ex-primeira-dama de Portugal, Maria Barroso, um de seus conselheiros, o ex-presidente da França, Valéry Giscard d'Estang, a escritora portuguesa Augustina Bessa-Luis, e a incluir brasileiros, a escritora Cleonice Berardinelle e o jornalista Aristóteles Drummond, e em um dos espaços que mais celebram as belas artes em Portugal. ◇



▶ Com vista para o jardim e para o Tejo, a varanda é um dos espaços mais românticos do Grêmio. À direita parte do jardim a que Eça de Queiroz chamava “a minha Quinta com porta para o Chiado”

**O filme *Os Maias* inspirado em obra de Eça de Queirós teve várias cenas locadas nas dependências do Grêmio Literário, sendo que, anualmente, é oferecido um jantar dedicado à memória do escritor em 25 de novembro, data do seu nascimento**



▼ José Macedo e Cunha, presidente do Grêmio Literário





▲ Interior da biblioteca, cujo acervo reúne mais de 350 mil títulos

# Real Gabinete A catedral da cultura

DA REDAÇÃO

O Real Gabinete Português de Leitura é a maior instituição cultural lusófona brasileira, localizada na Rua Luís de Camões, no centro da cidade do Rio de Janeiro, reúne cerca de 350 mil títulos, entre os quais se destacam: *O Dicionário da língua Tuppy*, de Gonçalves Dias, e a primeira Edição de *Os Lusíadas*, de Luís Camões.

Inaugurado pela Princesa Isabel, o edifício do Real Gabinete foi projetado pelo arquiteto português Rafael da Silva Castro em estilo neomanuelino (estilo arquitetônico gótico-renascentista). Sua fachada, inspirada no Mosteiro dos Jerónimos de Lisboa, foi trabalhada, em Portugal, por Germano José Salle em Pedra de Lioz, e trazida de navio para o Rio de Janeiro.

Segundo Antonio Gomes da Costa, seu presidente, a biblioteca recebe, em média, 150 visitantes por dia. Entre os mais ilustres do passado, encontram-se os nomes de Machado de Assis, Olavo Bilac e João do Rio. A história da Academia Brasileira de Letras está ligada a do Real Gabinete, uma vez que as cinco primeiras sessões solenes da Academia, sob a presidência de Machado de Assis, foram realizadas em sua sede.

Tombado pelo Instituto Estadual do Patrimônio Cultural, da Secretaria de Estado de Cultura do Governo do Rio de Janeiro, por seu prestígio nos meios intelectuais e pela beleza arquitetônica do edifício, a catedral da cultura portuguesa como é chamada, é, sem dúvida, referência na difusão da cultura portuguesa no Brasil. ◇

Inaugurado pela princesa Isabel em 1837, o Real Gabinete Português possui o maior acervo de obras literárias no mundo fora de Portugal



▲ Prédio da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro

# Democracia: substantivo feminino

DA REDAÇÃO

O Palácio Tiradentes, sede do Legislativo fluminense, que já abrigou a Câmara Federal nos tempos em que o Rio de Janeiro era a capital do Brasil, completa, em 2016, 90 anos. Embora seu papel na História seja relativamente conhecido, poucos sabem que o terreno no qual fica a Assembleia Legislativa do Rio (Alerj) está intimamente ligado à própria história brasileira de uma personagem de substantivo feminino que é fundamental para todos nós: a Democracia.

Ainda no século XVII, a coroa portuguesa começou a construir um edifício híbrido, onde hoje está a Alerj, que passaria a abrigar uma prisão e a primeira Câmara de Vereadores da jovem colônia, transferida do Morro

do Castelo para a nova construção em 1639. Eram três vereadores à época, que não recebiam salário mas apenas uma língua de boi e parafina para fazer velas. Antes de morrer na forca, em 1792, ficou preso ali, por três anos, o inconfidente que dá nome ao Palácio.

Foi nesse sítio histórico – atualmente o parlamento fluminense – que nasceu a democracia brasileira, ainda que de forma tímida e subordinada aos interesses da metrópole. A partir da chegada da família real ao Brasil, em 1808, a Cadeia Velha – como era conhecido o prédio – passou a ganhar mais importância. Ali, onde hoje trabalham os deputados estaduais, foi aprovada pela Câmara dos Deputados do Império a Lei Áurea, acabando com a escravidão no Brasil em 13 de maio de 1888.

O Palácio Tiradentes, sede do Legislativo fluminense, é o berço da democracia brasileira





▲ Foto da bancada feminina, da esquerda para a direita: Lucinha (PSDB), Marcia Jeovani (PR), Tia Ju (PRB), Rosângela Zeidan (PT), Daniele Guerreiro (PMDB), Ana Paula Rechuan (PMDB), e Martha Rocha (PSD). Na cadeira: Tânia Rodrigues (PDT)

Com a entrada em cena de outra personagem feminina, a República, em 1889, a ideia de construir um palácio que seria um tributo e um marco para a democracia brasileira, em seu berço, ganhou força. Tudo começou a tomar forma em 1922, com o início da construção do Palácio, inaugurado em 1926 para abrigar a Câmara dos Deputados.

Com a instauração do Estado Novo, em 1937, o Parlamento foi fechado e o Palácio abrigou o temido Departamento de Imprensa e Propaganda, responsável pela censura na ditadura de Vargas. Em 1946, o povo fez festas nas escadarias para comemorar a nova Constituição, e até hoje o local abriga as mais diversas manifestações democráticas dos brasileiros.

Com o objetivo de preservar esse patrimônio, o presidente da Alerj, deputado Jorge Picciani (PMDB), anunciou uma das primeiras medidas ao assumir o cargo no início de 2015: o investimento na restauração e recuperação do Palácio, deteriorado pelo tempo e castigado pelos protestos de 2013. “Houve quem quisesse transfor-

mar esse palácio em um museu, mas o fato é que ele já é um museu, mas um museu vivo, que não apenas tem história, mas que faz história”, resume Picciani, que em breve lançará um edital para a restauração externa do Palácio – a mais recente, parcial, aconteceu em 1999.

Além de ser o berço da democracia brasileira, o Palácio guarda inúmeras preciosidades. Entre elas, os vitrais da cúpula do plenário, assinados pelos irmãos Chambelland, que reproduzem o céu do momento exato da proclamação da República, em 15 de novembro de 1889. Há, ainda, os afrescos do plenário feitos por Eliseo Visconti, retratando a promulgação da Constituição de 1891, a primeira Carta republicana. A história da nossa feminina democracia está em todos os cantos dessa bela Casa que recebeu, em 2014, 37 mil visitantes, dos quais 20% são estrangeiros.

#### Presença ainda pequena

Ainda que um substantivo feminino seja a grande razão de ser desse prédio histórico, infelizmente as personagens que atuam no parlamento fluminen-

**Ainda que um substantivo feminino seja a grande razão de ser desse prédio histórico, infelizmente as personagens que atuam no parlamento fluminense ainda são minoria em um plenário cheio de homens. Entre os 70 deputados eleitos em 2014 só nove são mulheres – menos de 13% do total**

se ainda são minoria em um plenário cheio de homens. Entre os 70 deputados eleitos em 2014 que exercem mandato na Casa, só nove são mulheres – menos de 13% do total. Esse número já foi maior – na legislatura anterior havia 13 deputadas na Alerj.

Apesar da cota de 30% estabelecida por lei para candidatas nas listas partidárias e da obrigatoriedade das agremiações destinarem 5% do fundo partidário para apoiar a entrada das mulheres na política, esse terreno ainda é predominantemente masculino.

Os números são mais impressionantes quando lembramos que as mulheres respondem por cerca de 53% do eleitorado do Rio de Janeiro. A deputada Tania Rodrigues (PDT) acredita que as próprias legendas são responsáveis pelo baixo número de eleitas. “É um sistema de cotas mal-resolvido. Falta investimento para a formação e especialização de suas representantes”, destaca. Rosângela Zeidan (PT) considera que as mulheres estão preparadas para assumir o lugar delas. “Hoje a mulher ocupa a maioria dos bancos das universidades. E

ela, mesmo sem saber, faz política quando vive o cotidiano da economia da sua casa, da sua cidade”, destaca.

Para Jorge Picciani, mais ações precisam ser desenvolvidas para que cada vez mais mulheres ocupem os espaços de poder, como o investimento em formação política e maior apoio às candidatas. Ele ressalta que só o número de cadeiras diz pouco sobre o papel que as deputadas têm cumprido. “Apesar de termos uma bancada feminina pequena, ela é extremamente atuante. Temos hoje mulheres presidindo oito comissões da Casa, uma Comissão da Mulher atuante, além da CPI que apura a violência contra as mulheres”, afirma.

São muitos os exemplos de avanços nas políticas públicas para as mulheres elaborados e aprovados na Alerj, como a que criou um sistema integrado de informações de violência contra a mulher do estado do Rio. “A contribuição feminina sempre foi fundamental em todas as nossas decisões. A presença delas é decisiva e muito importante para a formulação de políticas públicas para a nossa grande população feminina”, completa Picciani. ◇

**“Apesar de termos uma bancada feminina pequena, ela é extremamente atuante. Temos hoje mulheres presidindo oito comissões da Casa, uma Comissão da Mulher atuante, além da CPI que apura a violência contra as mulheres”**



# Trilipo

md.com.br

**1** reduz a gordura localizada.



**2** tonifica desde o músculo até a pele.



**3** remodela as suas curvas.



**Agende sua consultoria estética gratuita**

**ONODERA Brasília**  
Av. Comercial do Sudoeste  
CLSW 102, bloco A, loja 82  
Tel.: 3046 8240

**Onodera**  
estética

onoderaestetica  
 onodera.estetica  
dicasdebelezaestetica.onodera.com.br  
[www.onodera.com.br](http://www.onodera.com.br)

Trata as suas formas,  
realça a sua beleza.

Os tratamentos somente serão realizados em mulheres acima de 18 anos, e após aprovação médica. Os eventuais resultados dependerão das condições físicas e reações de cada cliente.



▲ Ex-residência da princesa Isabel, atual Palácio Guanabara

## A governadora negra do Brasil

Da favela à residência da princesa Isabel e ao palácio de Buckingham

DA REDAÇÃO

**B**enedita da Silva, a Bené, como é conhecida, tinha o destino traçado na maternidade. Mulher, negra e pobre, na melhor das hipóteses seria empregada doméstica. Mas imbuída do espírito guerreiro dos ancestrais, lutou e venceu, ultrapassando todas as barreiras impostas pela sociedade. Moradora da comunidade do Chapéu Mangueira no Rio de Janeiro, para ajudar no sustento da família, vendeu limão e amendoim, trabalhou em fábricas e foi empregada doméstica. Em 1965, aos 23 anos, foi indicada para representar o bairro de Copacabana num concurso de mulheres sambistas. Aos 40 anos, formou-se em Estudos Sociais. Líder comunitária, em 1982, tornou-se a primeira mulher negra a ocupar uma cadeira na Câmara de Vereadores da cidade do Rio de Janeiro. A partir daí a carreira política não parou mais. Foi deputada federal, senadora, ministra e a primeira mulher negra a ser governadora do estado, em que despachava no Palácio Guanabara, ex-residência da princesa Isabel. É de sua autoria o projeto que inscreveu Zumbi dos Palmares no Panteão dos Heróis Nacionais, fazendo do dia 20 de novembro o Dia Nacional da Consciência Negra.

A menina pobre, da favela, também teve seu dia de princesa. Em visita à rainha da Inglaterra, no Palácio de Buckingham, ficou hospedada no quarto que pertenceu à princesa Diana. Uma experiência, com a qual nunca havia sonhado. “Eu, ex-moradora de uma favela no quarto da princesa Diana, sendo recebida pela rainha, nem em sonho”, conta. ◇



# A voz do milênio

Aos 20 anos de idade, fez seu primeiro teste como cantora, sendo contratada para cantar na Orquestra de Bailes Garan

DA REDAÇÃO

**E**lza Soares, dona de uma voz inconfundível, desde criança costumava cantar enquanto subia e descia a favela com uma lata d'água na cabeça. O primeiro contato com a fama foi aos 13 anos, no palco do programa de calouros de Ary Barroso que, diante da menina maltrapilha e franzina à frente do microfone, indagou em tom de deboche: "De que planeta você veio"? A resposta certa desconcertou não só o apresentador como deixou a plateia boquiab-

ta: "Do planeta fome", rebateu Elza. Em seguida, soltou a voz e saiu consagrada do programa, levando a nota máxima e um prêmio que a permitiu andar de táxi e comprar o remédio de que o filho recém-nascido necessitava.

Filha de mãe lavadeira e pai operário, foi criada na favela Água Santa, subúrbio do Rio de Janeiro. Com uma trajetória marcada por muita dificuldade e sofrimento, aos 12 anos, grávida, casou-se com um mineiro apenas dois anos mais velho. Entre tapas e beijos, tiveram sete filhos. Aos 21 anos, ficou viúva. Já aos 20 anos de idade, fez o primeiro teste como cantora, sendo contratada para cantar na Orquestra de Bailes Garan e, em seguida, no Teatro João Caetano. O primeiro sucesso veio com o compacto *Se acaso você chegasse*. A partir daí, a carreira deslanchou. Depois de gravar o segundo disco, *Bossa Negra*, viajou para o Chile, em 1962, como madrinha da seleção brasileira na Copa do Mundo, onde conheceu o jogador Mané Garrincha, que viria a ser o segundo marido e grande amor.

A voz rouca e marcante lhe rendeu o título de Cantora do Milênio pela rede de televisão BBC, em Londres, no ano 2000. Em 2002, foi indicada ao Grammy, com o álbum *Do cóccix Até o Pescoço*. O lançamento impulsionou numerosas e bem-sucedidas turnês mundo afora. Em 2014, estreou o documentário *My Name is Now*. O filme conta a vida dessa cantora carioca que não se abala diante de nada e como Fênix renasce das cinzas, renovada, transcende em música, força do seu timbre marcado pela ronquidão. ◇

Diva de voz rouca, foi considerada a cantora do milênio, ela que como a Fênix já renasceu das cinzas muitas vezes



FOTOS REPRODUÇÃO

# Mulata Bossa Nova

Eleita uma das mulheres mais bonitas do mundo, ela promove a dignificação de uma raça

MARCIA DENISE SILVEIRA

**V**era Lúcia Couto dos Santos foi a primeira negra a obter um título de beleza no Brasil, numa época em que o preconceito racial era ainda mais forte no país. Sua trajetória teve início no Clube Renascença, fundado em fevereiro de 1951, por um grupo de negros de classe média. O Rena surgiu como uma forma de resistência contra o preconceito e a discriminação racial imposta pela sociedade branca carioca. O ápice do Clube se deu nos anos 1960 com a participação nos concursos de *misses*. O apogeu dessa época veio por intermédio de Vera Lúcia que, em 1962, foi Rainha Primavera e, em 1964, *Miss Renascença Clube*. No mesmo ano, representando o Renascença, Vera participou do concurso de *Miss Guanabara*, consagrando-se a grande vencedora.

No concurso nacional, realizado no mesmo ano, Vera ficou em segundo lugar, uma injustiça, na opinião da maioria dos brasileiros da época. Dona de uma beleza singular, aos 19 anos foi considerada uma das mulheres mais bonitas do mundo, quando em Long Beach, obteve o terceiro lugar no *Miss Beleza Internacional*. Seu grande sucesso ficou eternizado numa marchinha, lançada no Carnaval de 1965, *Mulata bossa nova*, de autoria de Roberto Kelly e interpretada por Emilinha Borba. Além de se perpetuar como um ícone da beleza brasileira, Vera contribuiu para dignificar a beleza de uma raça, legitimando a mulata mundo afora. Vera Lúcia foi a primeira guanabarensa a ostentar o título de

*Miss Brasil Internacional*. Foi também a sétima representante desse estado, hoje extinto, e a primeira negra a obter um título de beleza no Brasil. ◇



FOTOS REPRODUÇÃO



▲ Rafaella Lemos

FOTOS REPRODUÇÃO

# Musa do Rio, 450 Anos

A musa da Cidade Maravilhosa reinará pelos próximos 50 anos, representando a beleza decantada da mulher carioca

DA REDAÇÃO

**R**afaella Lemos, de 22 anos, foi eleita a musa oficial dos 450 anos da cidade do Rio de Janeiro. A vencedora da competição que elegeu a mais carioca das cariocas representou a Rocinha, a maior favela da América Latina, na qual ela chamou a atenção dos jurados não só pela beleza e gingado, mas principalmente, pelo sorriso, característico do jeito carioca de ser. Sempre de bem com a vida, emocionada com a vitória, disse que nunca sonhou em ser coroada. “Nunca imaginei que fosse alcançar um cargo de rainha. É um sonho pegar esse legado de rainha, representando o Rio, representando a Rocinha, onde eu nasci e sempre morei.”

A nova musa da cidade leva uma vida simples na comunidade. Gosta de praia e o local preferido é a laje de casa, na qual costuma tomar banho de sol e apreciar a praia de São Conrado. Modelo desde os 15 anos, em 2014, fez a primeira viagem

internacional para a África do Sul, trabalhando como modelo por seis meses. Filha de pai mineiro e mãe gaúcha, típica representante da miscigenação de raças e origens tão característicos do povo brasileiro, Rafaella ocupará o cargo de rainha pelos próximos 50 anos.

A última edição do concurso aconteceu em 1965, quando das comemorações do quarto centenário do Rio. Em 1965 a vencedora foi Solange Medina que, aos 17 anos, concorreu pela região administrativa de Botafogo e venceu 22 jovens. Na segunda edição, foram 300 inscritas, sendo 33 finalistas. A nova rainha, que recebeu a coroa das mãos de Solange, irá representar o Rio de Janeiro em todos os compromissos oficiais das comemorações dos 450 anos da Cidade Maravilhosa. Além dos 50 anos de reinado, Rafaella também ganhou um carro zero quilômetro. ◇

**“Nunca imaginei que fosse alcançar um cargo de rainha. É um sonho honrar esse legado, representando o Rio, representando a Rocinha, onde eu nasci e sempre morei”**



Vestido e acessórios: Neimar Sinício | Foto: Bruno Araújo

CLOVES NUNES



CABELO & MAQUIAGEM

SHIS QL 02 CONJUNTO 01  
CASA 01 LAGO SUL - DF

+55 61  
3248-0908 | 3365-4472

# É proibido proibir



Como diz Rita Lee, “toda mulher é meio Leila Diniz”, ela que com efervescência ajudou a traçar um novo papel para a mulher na sociedade brasileira

À frente do seu tempo, ela defendeu o amor livre e quebrou tabus na ditadura

DA REDAÇÃO

**P**ara Leila Diniz, ninguém podia impor nada a ninguém. Em plena ditadura militar dos anos 1960, era uma mulher solar, numa época em que ser chique era estar na fossa. Filha de pais comunistas, declarava que suas bandeiras eram as do Flamengo e do Salgueiro. Na praia de Ipanema, escandalizou a sociedade exibindo a gravidez de biquíni. Foi a manifestante despudorada do prazer e a revolucionária mais eficiente de uma época em que o importante era ser do contra. Fazia às claras o que muitas já faziam às escondidas. Praticou a liberdade sexual em uma fase intolerante que marcou o advento da pílula. Foi a “antivamp”. Se gostava de alguém, não tinha pudores, ia para a cama. Tudo isso, sem levantar bandeiras ideológicas. A atriz, musa do Cinema Novo dos anos 1960, acreditava na liberdade no sentido mais amplo. Para ela, era proibido proibir.

Autêntica e desbocada, falava palavrões com a mesma naturalidade com que respirava. Em entrevista ao jornal alternativo *Pasquim*, motivou o decreto de censura prévia, que ficou conhecido como Lei Leila Diniz, ao afirmar: “Você pode amar muito uma pessoa e ir para a cama com outra. Já aconteceu comigo”. Considerada artificial pela esquerda e imoral pela direita, não se abalou, seguiu em frente. Com sua efervescência, ajudou a traçar um novo papel para a mulher na sociedade brasileira, tornando-se um ícone da liberdade. Morreu aos 27 anos, vítima de um acidente aéreo. ◇

# Musa da Bossa Nova

O Rio acolheu ainda bebê aquela que viria a ser a típica carioca dos anos 1960, musa do ritmo que colocou o Brasil no mapa-múndi da música

DA REDAÇÃO

**N**ara Leão nasceu em Vitória, Espírito Santo, mas com apenas um ano de idade foi com a família para o Rio de Janeiro. O envolvimento com a música começou aos 12 anos, quando passou a frequentar a academia de violão de Carlos Lyra e Roberto Menescal, no início dos anos 1960. Dividia-se entre ser repórter do jornal *Última Hora* e participar de *shows* universitários com a turma da Bossa Nova, movimento do qual seria musa eterna. Recebeu o título nos tempos em que o apartamento de seus pais, na zona sul carioca, era ponto de encontro de nomes como Roberto Bôscoli, de quem chegou a ser noiva, Roberto Menescal, a quem apresentou o *jazz*, e com o qual também namorou, Carlos Lyra e João Gilberto, entre outros.

Com voz suave, entregou-se de corpo e alma ao iniciante ritmo típico do Rio, estreando profissionalmente em 1963, ao lado de Vinícius de Moraes e Carlos Lyra, na comédia *Pobre Menina Rica*. Surpreendeu a audiência ao interpretar sambistas como Cartola e Zé Kéti, no disco de estreia. A cantora nunca se rendia a modismos. Antecipava-os, fa-

zendo algo completamente inesperado, como ao resgatar compositores ou músicas fora de moda. O segundo álbum, *Opinião de Nara*, apostou nas canções de protesto, denunciando a miséria do povo numa atitude corajosa para o ano de 1964, em pleno regime militar.

Em 1965, participou da peça *Liberdade, Liberdade* de Flávio Rangel e Millôr Fernandes, popularizando-se como símbolo da coragem feminina, ícone da juventude brasileira engajada contra a ditadura. No ano seguinte, ganhou o II Festival da Música Popular Brasileira, com a música *A banda*, de Chico Buarque de Hollanda, revelando um dos maiores compositores do país. Em 1968, aderiu ao *Tropicalismo* de Caetano e Gil. Nesse período, fazia constantes declarações políticas, irritando os militares que ameaçavam prendê-la.

Diante disso, foi para Paris, onde continuou a gravar discos. Retornou ao Brasil em 1972, quando atuou no filme *Quando o Carnaval Chegar*, do marido dela, Cacá Diegues.

Ao morrer, em 7 de junho de 1989, aos 47 anos, vítima de um tumor cerebral, deixou pronto um disco com versões dos clássicos estudunidenses que embalaram sua adolescência. ◇



▲ Com jeito de menina e timbre suave, Nara Leão fazia em suas canções duras críticas ao regime militar

# Garota de Ipanema

A segunda música mais tocada no mundo, atrás apenas de *Yesterday*, dos Beatles, deu fama mundial ao bairro e à menina a caminho do mar

“Para ela fizemos, com todo o respeito e encantamento, a canção que a colocou em todas as manchetes do mundo” (Vinicius de Moraes)



▲ Helô Pinheiro, aos 70 anos, a eterna Garota de Ipanema

DA REDAÇÃO  
FOTOS REPRODUÇÃO

**H**elô Pinheiro, a famosa Garota de Ipanema, nasceu Heloísa Eneide Menezes. Ao passar pelas mesas do Bar Veloso, na Rua Montenegro, em Ipanema, nunca imaginou que um dia seria inspiração para uma das canções mais famosas da música popular brasileira. Foi exatamente para ela que o poeta Vinicius de Moraes, encantado com a graça e o balanço de seu caminhar, compôs a canção que viria a ser o hino da Bossa Nova em 1962.

Composta por Vinicius e musicada por Tom Jobim em 1965, a música ganhou verão em inglês *The girl from Ipanema*, e estourou nos Estados Unidos. Com o sucesso, veio a conquista do Grammy de Gravação do Ano. E o mundo quis saber quem era a tal garota de Ipanema. Diante de muitas candidatas que se intitulavam a musa inspiradora, Vinicius veio a público para revelar que a beleza do olhar, a graça e o balanço do caminhar eram de Heloísa, para surpresa da jovem de apenas 17 anos. “Para ela fizemos, com todo o respeito e encantamento, a canção que a colocou em todas as manchetes do mundo inteiro e fez de nossa querida Ipanema uma palavra mágica aos ouvidos estrangeiros”, declarou o poeta à época.

Assim, a adolescente tímida de Ipanema, filha de pai militar, graças à genialidade e generosidade de um poeta, viu sua vida mudar. A canção eternizada pelo seu “doce balanço a caminho do mar”, virou símbolo da carioca praieira, bronzada, que encanta por onde passa. ◇



## Rock in Rio comemora 30 anos

Maior festival de música do mundo, na Cidade do Rock no Rio de Janeiro, com shows para todas as tribos e investimentos de mais de 17 milhões de euros em projetos sociais

MARCIA DENISE SILVEIRA

**R**oberta Medina, sócia e vice-presidenta executiva do Rock in Rio, tinha apenas 22 anos quando recebeu a missão de conduzir o Festival, um dos maiores espetáculos musicais do Planeta. Filha do produtor e idealizador do projeto Roberto Medina, a jovem não titubeou quando o pai lançou o desafio: aceitou e venceu. Com capacidade e talento, ganhou o respeito e a admiração de todos os envolvidos no evento. “A paixão por multiplicar emoções está no meu DNA, herdei do meu avô, do meu pai. E, como adoro desafios, aceitei. Amo o que faço”, diz.

Para ela, o Rock in Rio não é apenas um festival de música, mas um evento capaz de mobilizar pessoas, de marcar vidas e fazer história. “O Rock in Rio nunca foi só música. Já na primeira edição, em 1985, era muito mais do que uma vontade de um promotor de fazer shows com bandas incríveis no palco. A paixão do meu pai, que é o nosso presidente, não era a música e, sim, fazer da cidade do Rio de Janeiro um destino turístico visado lá fora”, destaca.

Segundo Roberta, foi na terceira edição que nasceu o desejo de internacionalizar a marca. “Em 2001, a verdade do festival voltou com tanta força que pensamos: ‘Bom, a música e o mundo melhor não têm fronteiras por que

o Rock in Rio tem que ter? Assim, decidimos internacionalizar o projeto”, recorda. A primeira cidade a sediar o evento fora do Brasil foi Lisboa. Lá, de acordo com Roberta, o desafio foi ainda maior. “Em Lisboa não tínhamos essa relevância histórica, essa carga emocional das pessoas aqui no Brasil, que tiveram suas vidas marcadas pela realização da primeira edição. Eu costumo dizer que o Rock in Rio para o Brasil é como o Woodstock para o mundo”, avalia.

No ano em que comemora 30 anos, o festival está cada vez mais internacional. Após cinco edições no Brasil, seis em Lisboa e três em Madri, em maio estreou nos Estados Unidos, com a primeira edição na cidade de Las Vegas. ◇

► Roberta Medina, vice-presidenta do Rock in Rio







# A Felicidade do Brasil

Embaixatriz brasileira, carioca por opção, flamenguista assumida, residente em Lisboa, dá vazão à veia artística como cantora nos palcos do mundo

SOFIA AFONSO FERREIRA

**F**elicidade Costa encarna plenamente a etimologia de seu nome: irradia um contagiante otimismo. Natural do Amazonas, residiu a maior parte da vida no Rio de Janeiro, assumindo a carioca como estado de espírito. Neta de portugueses, herdou da avó paterna o primeiro nome, ao que faz jus. Aos 20 anos, chegou à Cidade Maravilhosa, onde sua veia artística foi motivada pelo amigo Baden Powell. Afirmou-se como cantora, paixão que

acalentava desde os 12 anos de idade. Constam da sua trajetória três álbuns lançados, incluindo vários temas de novelas da rede Globo e múltiplos projetos como a participação no *Song Book* de Chico Buarque.

Há 13 anos, foi apresentada ao marido dela, o embaixador José Roberto de Almeida Pinto, atual representante permanente do Brasil na Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), em Lisboa. Desde o início do relacionamento, ambos compartilharam a

paixão pela música. Ela, no canto, ele, na composição de letras, consequência natural para um poeta com dois livros publicados. Com boa reputação na capital do fado, depois das passagens pelos postos diplomáticos de Honduras, Itália e Guatemala, Felicidade começou uma nova etapa, conciliando as exigências de embaixatriz com a carreira de cantora. “Costumo dizer que a minha ligação com o mundo é feita através da arte. Para a mulher de um diplomata é difícil ter uma vida própria, ainda mais sendo artista. Desde o início tento ligar minha arte a projetos de beneficência.” Um exemplo é a sua participação no Carnaval do Brasil no Coliseu, cuja atuação foi em benefício da Liga de Combate à Sida (sigla para Aids usada em Portugal).

Em Honduras encampou várias campanhas de beneficência para o Hospital-Escola e à Casa Zulema, que abriga portadores de HIV em fase terminal, trabalhando sempre com músicos locais. “Na Itália que pude desenvolver um trabalho maior como cantora, passando pelos palcos de todo o país”, comenta. Em Lisboa, à semelhança dos outros postos, segue com seus projetos. O próximo será uma homenagem a Baden Powell, que com Vinicius de Moraes, criou os afrossambas, com raiz na ligação entre o canto africano e o canto gregoriano, no que confessa ser simpatizante do candomblé e mangueirense de coração.

Apaixonada por Lisboa, não elimina a possibilidade de apresentar-se como fadista. “A minha raiz é o samba, sou uma cantora tipicamente brasileira. É difícil dar um rótulo a um intérprete brasileiro. Hoje sou compositora, faço músicas há dez anos e minha escola é o baile onde cantávamos tudo, músicas dos anos 1970, samba, rock, balada.”

Ao ser perguntada sobre o que é felicidade, ensina: “É tirar o melhor da vida”. ◇



# O Sorriso de Selminha

A Deusa da Passarela encanta o público da Sapucaí com passos e gestos majestosos

DA REDAÇÃO

Selma Rocha, eternizada pelo carnaval como Selminha Sorriso, é o modelo da carioca moderna. Integra a turma das primeiras mulheres da corporação de bombeiros da cidade, na qual hoje é cabo, e encanta a todos como porta-bandeira da Escola de Samba Beija-Flor de Nilópolis. Sua deslumbrante apoteose encanta o mundo. Sorridente, poderosa, reina absoluta na passarela do samba.

Ser porta-bandeira foi um sonho acalentado por Selminha desde a infância. Quando pequena, assistia à graciosa dança das porta-bandeiras e acreditava que fossem fadas. Desde então, passou a usar um espelho e um cabo de vassoura para aprender os rodopios e gestos típi-

cos. Hoje é a própria Deusa da Passarela. Este ano, além de comemorar a conquista do título da escola, completa 25 anos de samba, dos quais 20 foram como porta-estandarte da campeã Beija-Flor.

Para as aspirantes mirins da escolinha de porta-bandeiras que administra em Nilópolis, que sonham em seguir seus passos, Selminha enfatiza a importância de ter uma profissão. “Se você tem um sonho, para que ele se torne realidade terá que abdicar de muitas coisas. Ser porta-bandeira não é uma profissão, é uma arte; portanto, jamais descuide dos estudos. Estude, trabalhe, some tudo que você puder. Assim, as pessoas vão perceber que você quer crescer e abrirão o caminho”, conclui. ◇



◀ Não é à toa que Selminha contagia com alegria os espectadores. No carnaval de 2015, brilhou com a exuberante indumentária como porta-bandeira da Beija-Flor, cujo tema no desfile foi a Suíça

# Fazedora de sonhos

Há mais de quatro décadas ela encanta o mundo com o esplendor de suas criações para o carnaval do Rio

DA REDAÇÃO

Rosa Magalhães, considerada uma das figuras mais importantes do carnaval carioca, carnavalesca recordista de vitórias no Sambódromo, começou a carreira como colaboradora na criação dos figurinos da Escola de Samba do Salgueiro, em 1971. Após a primeira experiência, quis conhecer a fundo esse universo. Encantada com a possibilidade de dar vida aos sonhos e fantasias, aos 21 anos, enquanto dava aula na Escola de Belas Artes, à noite se especializava em cenografia e indumentária. Hoje, a artista plástica, figurinista, cenógrafa, carnavalesca e professora tem uma trajetória que se confunde com parte da história do carnaval brasileiro. Depois da Salgueiro, passou pela Beija-Flor e Portela. Em 1982, conquistou o primeiro campeonato pela Império Serrano. Mas foi na Escola de Samba Imperatriz Leopoldinense que Rosa consagrou-se como carnavalesca, conquistando cinco títulos de campeã. Após 18 anos na Imperatriz, passou pela União da Ilha e, em 2013, conquistou mais um título de campeã pela Vila Isabel. Atualmente, está na Escola de Samba São Clemente.

Soberana na passarela do maior espetáculo da terra, a heptacampeã dos carnavais credita o sucesso à pesquisa e à personalidade inquieta e curiosa. Ela que, há 44 anos, vem encantando o Brasil e o mundo com o esplendor de suas criações, vê que a ascensão da mulher nesse universo é pequena e que o preconceito persiste. “É ainda um universo muito masculino, onde

a mulher é vista com certa restrição. Apesar de algumas poucas participações, continuamos minoria como carnavalescas e dirigentes das escolas de samba. É um reduto machista. Temos de estudar muito para mostrar nosso valor, em dobro, e assim seguirmos adiante”, avalia. ◇

▼ Soberana na passarela do maior espetáculo da terra, Rosa credita o sucesso à personalidade inquieta e curiosa



FOTOS REPRODUÇÃO

FOTOS REPRODUÇÃO



Há 92 anos atua no mercado de mudanças residenciais e comerciais, nacionais e internacionais

# GM Copacabana

Tradição, qualidade e experiência desde 1923, simboliza excelência no setor de mudanças nacionais e internacionais

**G**M Copacabana atua há 92 anos no segmento de mudanças nacionais e internacionais, transportes de obras de arte e armazenagem.

Desde o início de suas atividades, a empresa tem como filosofia de trabalho a prestação de serviços diferenciados sempre com foco na satisfação dos clientes. Tal comprometimento a faz referência no mercado de transporte nacional e internacional, sendo reconhecida por clientes e parceiros.

Atuando de forma integrada entre seus segmentos, a empresa está capacitada a prestar um atendimento completo em exportação e importação, sempre atenta às necessidades dos clientes. Oferece, por exemplo, assessoria antecipada àqueles que pretendem mudar para o exterior, assistindo de forma adequada os anseios mais importantes e inesperados.

Respondendo à crescente demanda por assessoria especializada em serviços na indústria de mobilidade global, a GM Copacabana não só reabriu a antiga divisão internacional, que foi

pioneira em exportação e importação no país, como inaugurou duas novas divisões, a museologia e obras de arte, que tem como foco exposições de arte e sua logística, desde a embalagem, montagem e desmontagem de uma exibição, e a divisão de realocação internacional, que objetiva auxiliar na adaptação de estrangeiros e familiares realocados no Brasil.

Uma existência movida pela evolução, cuja qualidade dos serviços, valores e atendimento personalizado sempre foi a base para o seu sucesso. ◇

Contato:  
– Rua Sete de Março, 30 – Bonsucesso – Rio de Janeiro.  
Tels: (21)2270 6536/31057848.  
[www.gmcopacabana.com](http://www.gmcopacabana.com)  
[internacional@mudancascopacabana.com](mailto:internacional@mudancascopacabana.com)



# Leilão no feminino

MARCIA DENISE SILVEIRA

**T**eresa Brame, sempre bom astral, é hoje uma das mais conceituadas leiloeiras da cidade do Rio de Janeiro, com mais de 30 anos dedicados à profissão. Para tanto, essa pernambucana de nascimento, de alma carioca, percorreu um longo caminho até se impor em um mercado nada afeito às mulheres. Quando foi nomeada leiloeira em 1982, relembra que dos 54 leiloeiros do município do Rio de Janeiro, apenas seis eram mulheres. No entanto, para ela, a realidade atual não difere muito. Dos 108 leiloeiros de hoje, apenas 25 são mulheres, das quais apenas seis são atuantes.

No início dos anos 1980, no Palácio das Artes, em uma mansão de três andares no Leblon, Teresa era a grande anfitriã de leilões famosos. Para a sociedade carioca, leiloava joias históricas, quadros de renomados pintores, antiguidades preciosas, ao lado de Paulo Brame com quem foi casada e com quem aprendeu o mistério de leiloar com sedução. Quando passou a trilhar o próprio caminho, os pregões judiciais que fazia ocorriam nos bairros da zona oeste da capital fluminense como Bangu e Campo Grande, fugindo da concorrência no Fórum Central, assumida somente a partir da conquista de uma cartela de aproximadamente 150 clientes fidelizados. À época, já respeitada como profissional, resolveu voltar a trabalhar em parceria com o marido e vir a atuar na sede do Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro. “Na verdade, eu não desejava ser uma concorrente, mas, sim, ser sua sucessora. E foi justamen-

te o que aconteceu quando ele faleceu. “Eu assumi como titular, da mesma forma como estou preparando meu filho para ser meu sucessor”.

Localizado próximo ao Fórum Central, o escritório, tendo as falências como carro-chefe, atua em todas as varas judiciais e em outros Estados. “Eu particularmente adoro fazer falências. Quando eu bato o martelo tenho a certeza de que não haverá problema para quem compra”, ressalta. Com orgulho, recorda do leilão do Hotel Nacional, que realizou em 2010, após a tentativa frustrada de cinco leiloeiros. “Foi uma grande conquista. Um trabalho que realizei com muita dedicação.”

Para as mulheres que pensam em entrar na profissão, Teresa é taxativa. “Aprender a exercê-la com seriedade, dedicação, lealdade, e sobretudo amor, requer doação, perseverança e coragem”, conclui. ◇



FOTOS: REPRODUÇÃO

No cenário exclusivamente masculino do mundo dos leilões, ela sabe dominar como ninguém a arte de bater o martelo

# Cartão de visitas de Portugal

A fábrica de azulejos Sant'Anna, fundada em 1741, pertence ao circuito turístico de Portugal, sendo referência para os brasileiros que visitam Lisboa



▲ Alberto Antunes Bruno, proprietário da Fábrica de Faiança e Azulejos Sant'Anna



A tradição dos azulejos, embora seja herança das invasões árabes na Península Ibérica, foi adotada pelos portugueses e mantém-se como arte lusitana desde o século XV. Segundo Alberto Antunes Bruno, proprietário da Fábrica de Faiança e Azulejos Sant'Anna, cuja data de inauguração vem do ano de 1741, sua produção atual atravessa o Atlântico com destaque para o forte mercado brasileiro, um dos seus grandes apreciadores. Cita, historicamente, o exemplo da cidade de São Luís do Maranhão e o Mosteiro de Santo Antônio, situado no Rio de Janeiro, onde a azulejaria portuguesa é parte fundamental do acervo cultural das cidades.

Com uma arte que respira o lirismo, as guitarras, a história dos santos, a azulejaria é um patrimônio a propagar pelos séculos a epopeia da navegação portuguesa pelos sete mares, com um trabalho que adapta-se aos novos tempos, atendendo às exigências do mercado. A Sant'Anna, que existe como a mais antiga azulejaria da Europa, mantém sua arte secular e dá boas-vindas à celebração do Rio, 450 Anos, situando-se como passagem obrigatória nos roteiros turísticos para brasileiros em Portugal, com duas lojas na capital Lisboa. O *showroom* requintado demonstra a admirável criatividade e o prestígio mundial detido pela marca. ◇



**CONTATO**  
**Endereço:** Calçada da Boa Hora, 96  
Lisboa - 1300-096  
**Loja:** Rua do Alecrim, 95  
Lisboa - 1200-015  
**Telefone:**  
+ 351 213 422 537  
**E-mail:** santana.tiles@fabrica-santana.com  
**Site:** www.santanna.com.pt

40  
5 RIO  
450



# Pop Galo nos festejos dos 450 anos do Rio



◀ Obra da escultora portuguesa, Joana Vasconcelos é um presente do Azeite Gallo à cidade do Rio de Janeiro, onde está presente desde 1908, quando atravessou o Atlântico para liderar o mercado brasileiro

## Azeite Gallo e Rio de Janeiro, uma relação de amor

O mais português dos azeites é o preferido dos brasileiros desde 1908 quando aqui chegou, atravessando o Atlântico em sua saga de globalização, aportando um legado milenar de várias gerações.

Em 2015, esta relação de amor se evidencia ao associar-se às comemorações do "Rio 450 Anos" com o *Pop Galo*, versão moderna do célebre símbolo de Portugal, o Galo de Barcelos, acrescido do lançamento de uma edição especial limitada, em que o Gallo se identifica com a Cidade Maravilhosa, através de uma produção especial. Ao apresentar ícones da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, os emblemáticos símbolos como, o Cristo Redentor, o Pão de Açúcar, as calçadas de Copacabana que remetem às de Lisboa, o Azeite, que representa a alma portuguesa, se faz presente pelo reconhecimento de ser o líder no mercado brasileiro.

Tendo o Brasil como sua maior divisa mundial, dois novos tipos de azeite chegaram recentemente à mesa dos consumidores mais exigentes: o Azeite Novo, que aqui desembarcou para as festas de fim de ano, e o Colheita ao Luar, programado para a Páscoa. O primeiro advém de azeitonas novas com aroma de fruto fresco e o segundo é proveniente de colheita realizada no período mais frio das noites de inverno de Portugal.

Todos os azeites Gallo são *blends*. Ao exigir a qualidade, os melhores azeites são selecionados e combinados para chegar a perfis de sabores distintos que caracterizam cada um dos produtos. Toda essa maestria para que o Azeite Gallo tenha a cor, a textura, o aroma e o sabor que ao chegar à mesa representa um prazer à parte.

▼ Seleção de azeites especiais  
Gallo



## O número Um

Sua história secular remonta ao espírito visionário do patriarca Victor Guedes. Conta-se que numa manhã, ao acordar, quando abriu as janelas de seu quarto, Victor deparou-se com um galo a cantar. Assim, de forma intuitiva, por ser galego, escolheu o nome Gallo, com L duplo, de modo a proporcionar originalidade a marca que desejava fundar. Hoje, repassada a diversas gerações, em que na trajetória, seu filho, com o mesmo nome do pai, nascido no Rio de Janeiro, esteve à frente, a marca está presente em quatro continentes e em 47 países.



▼ Foto histórica das primeiras instalações da fábrica do Azeite Gallo, em Abrantes, Portugal.



## De Abrantes para o mundo

A marca nasceu em 1919, período da Revolução Industrial, em Abrantes, coração de Portugal, em uma instalação comprada da União Industrial Limitada, empresa fundada em 1860. No entanto, foi a partir de 1908 que o Gallo passou a cantar para o mundo, data de sua internacionalização.

Com política de expansão, focada nos mercados de elevada emigração portuguesa, como Brasil e Venezuela, através da diversidade de sabores, em que se destacam as versões modernas, como o Gallo Azeite Extra Virgem, a

marca existe também no Brasil com vinagres nas versões branco, tinto e espumante e na comercialização de azeitonas, entre outros produtos.

Com azeites premiados - somente em 2014 foram 38 prêmios internacionais -, a marca, criada pelo espírito visionário de Victor Guedes, prossegue com sua história de paixão. Hoje em uma joint-venture entre a Unilever e a Jerónimo Martins, tendo como presidente Pedro Cruz, que toca uma empresa que simboliza a cultura portuguesa.

## Orgulho de Portugal

Reconhecido como Patrimônio Cultural do país de Camões, tendo a portugalidade como forma de identidade, da qual a Língua Portuguesa representa valor essencial, a empresa que já recebeu o certificado ISO 9001 em termos de qualidade e o ISO 14001, relacionado ao meio ambiente, em 2005 conquistou o segundo nível da TPM Methodology (Total Productive Maintenance) do Instituto Kaizen do Japão.



◀ Rigor na qualidade da produção e preocupação com o meio ambiente renderam certificados importantes de reconhecimento ISO 9001 e 14001

FOTOS REPRODUÇÃO / DIVULGAÇÃO GALLO



▶ Azeites do portfólio Gallo foram premiados em 12 concursos internacionais, preservando o espírito visionário de seu fundador, Victor Guedes.



## Bacalhau no Azeite Gallo Extravirgem

### INGREDIENTES

- 400g de lombo de bacalhau dessalgado
- 100g de torradas
- 200g de batatas-bolinha cozidas
- 200ml de Azeite Gallo Extra Virgem
- 1 maço de manjericão
- 1 dente de alho
- 1 ramo de alecrim

### MODO DE PREPARO

Leve o bacalhau cru e dessalgado\* ao forno, regando apenas com Azeite Gallo Extra Virgem. Sobre a posta coloque um dente de alho e um galho de alecrim. Deixe por 8 minutos, a 180 graus. Cozinhe as batatas com casca e reserve. Coloque o manjericão em água fervente, deixe por alguns segundos. Em seguida, coloque o maço em água fria com gelo para que haja um choque térmico – esse processo mantém a cor do manjericão. Bata o manjericão com Azeite Gallo Extra Virgem no liquidificador. Peneire a mistura e estará pronto a ser usado posteriormente o Azeite Gallo de Manjericão. Use o mesmo liquidificador, sem limpá-lo, para colocar as torradas. Bata para obter uma farofa. Acrescente o Azeite Gallo já peneirado e bata mais um pouco. Amasse as batatas com uma faca e coloque-as na base do refratário/pirex. Solte o bacalhau em lascas e coloque por cima das batatas. Coloque a farofa por cima do bacalhau e volte ao forno até dourá-la.

\*Como dessalgar o bacalhau: 2 a 3 dias de molho em água com gelo (trocar de 4 em 4 horas) e 30 minutos finais no leite.



# O cotidiano é a sua inspiração

Autora do *Pop Galo*, primeira mulher a expor no Palácio de Versalhes, artista portuguesa cria obras apaixonantes, unindo tradição e modernidade

MARCIA DENISE SILVEIRA

Joana Vasconcelos é uma das mais reconhecidas artistas plásticas portuguesas da sua geração. Suas obras, conhecidas mundialmente, resultam da apropriação, da descontextualização e da subversão de objetos existentes e das realidades do cotidiano, que ganham uma nova realidade apaixonante. Em

entrevista à revista *Persona Mulher*, Joana, responsável pela criação do *Pop Galo*, obra que representará Portugal nas comemorações dos 450 anos do Rio de Janeiro, revela suas inspirações, sonhos e paixões.

Francesa de nascimento, portuguesa de coração, a artista se diz uma mulher

do mundo. “Portugal é a minha raiz e é também o que me faz ser multicultural e global. Afinal foram os portugueses que criaram a ‘aldeia global’ quando embarcaram em caravelas, descobrindo e povoando os vários continentes do mundo – que é muito maior do que a nossa geografia”, observa.

Inspirada na vida e no próprio cotidiano, suas criações resultam de uma observação crítica do que a rodeia, unindo o clássico ao popular, Joana repensa e interpreta a cultura portuguesa, construindo uma nova identidade coletiva. “O que eu faço é repensar e interpretar, através da minha subjetividade, um legado cultural. Como artista, o que pretendo é apresentar uma nova proposta, que irá despertar novas leituras e gerar diálogos e questões. O que me interessa acima de tudo é colocar em confronto o que é tradicional português e o que é realizado pelo mundo, e na possibilidade de articular isto através de um diálogo”, destaca.

Nesse sentido, objetos banais do cotidiano, símbolos da cultura portuguesa, tradições e comportamentos da sociedade contemporânea estão presentes nas suas criações, geralmente compostas por esculturas gigantes que mesclam realidade e sonho, cotidiano e fantasia, festividade e tragédia. Assim, seguindo o mote da sua trajetória artística, Joana criou o *Pop Galo* inspirado em um dos símbolos mais relevantes da cultura popular portuguesa, o Galo de Barcelos. A obra que será inaugurado na Orla do Leme, em Copacabana, faz a ponte entre o passado e o futuro e, segundo Joana, dançará na noite carioca. “Tendo em consideração que este ano assinala a fundação da cidade há 450 anos por Estácio de Sá, um militar português, quis criar uma obra que marcasse a presença portuguesa na história da cidade. Pareceu-me que com ele podia fazer a ponte com o passado e transformá-lo para a contemporaneidade. *Pop Galo* terá cerca de sete metros de altura, e será composto por milhares de azulejos e luzes LED coloridas, que brilharão e ‘dançarão’ pela noite afora”, ressalta.

Primeira mulher a expor no Palácio de Versalhes, em Paris, Joana, que sonha em trabalhar no carnaval carioca, diz que independente da questão de gênero foi movida pelo desafio enquanto artista. “Senti uma enorme responsabilidade. Como artista tenho que me equiparar aos outros artistas, sejam eles homens ou mulheres, não é uma questão de gênero, mas sim de responder às expectativas que um convite desta dimensão representa. A minha preocupação foi a dimensão artística e conceptual da exposição. Aquilo que me moveu foi este desafio”, conclui. ◇

▼ Imagem da obra *Coração Independente Vermelho*, de 2005, na exposição individual no Palácio de Versalhes em 2012





# Barcelos “Portugal sou eu”

Na hora de enviar  
sua Encomenda,  
tome a decisão certa.



Pontual Plus.  
Rapidez e pontualidade sem dor de cabeça.





A medieval cidade de Barcelos, além do seu galo internacional, é conhecida por seu rico artesanato, caminho dos peregrinos para Santiago de Compostela e ter sido a terra onde nasceu o dramaturgo português Gil Vicente



▲ Miguel Costa Gomes, presidente da Câmara de Barcelos

SOFIA AFONSO FERREIRA

**M**iguel Costa Gomes, presidente da Câmara de Barcelos, em entrevista exclusiva à revista *Persona Mulher*, fala sobre a cidade que administra. Empresário de renome, ressalta tratar-se de uma localidade com várias riquezas, coração do Minho, região exuberante, que se destaca pela beleza natural. “Eu diria, também sob o aspecto econômico, que Barcelos vai além de seu galo, visto como símbolo nacional. Situada na região Norte, uma das mais produtivas do país, com o maior número de empregadores, de excelência em polo

têxtil, conhecida por ser a São Paulo de Portugal. Identificada por sua história medieval, é roteiro turístico de gastronomia típica, excelentes vinhos verdes, caminho dos peregrinos para Santiago de Compostela, com uma feira semanal de alimentos e artesanatos que existe desde o século XII”, explica.

Quanto ao famoso galo, “é uma atração à parte, um mascote, com sua imagem em tamanho grande exposta em diversos pontos da cidade e exposição constante no Museu Arqueológico, cuja lenda remonta ao período setecentista, motivo de sua escultura vir a ser lançada em Copacabana, nas celebrações do Rio, 450 Anos”, informa o presidente da Câmara. Para quem visita Barcelos, “o Museu da Olaria é a forma de se conhecer a arte fabricada em barro, que constitui a subsistência de milhares de famílias, com um trabalho de identidade nacional, em que artesãos brasileiros integram-se aos portugueses nesse ofício do mundo rural figurado”, salienta. Barcelense, Miguel Costa Gomes, assume como *marketing* de sua cidade o slogan “*Portugal sou eu*”, forma de valorizar o artesanato fabricado com certificação, com rótulo de exclusividade da marca nos produtos fabricados, embalagens e material promocional.

### Além do Galo

Maria Elisa Braga é a vereadora da Cultura da Câmara de Barcelos, que, em entrevista, expõe que a Vila foi oferecida pelo rei D. Dinis ao primeiro conde de Barcelos em 1298. Segundo ela, a história da Cidade, no entanto, passa a ter relevo quando o rei D. Afonso Henriques lhe dá a carta Foral, cuja celebração de 500 anos é comemorada em 7 de agosto de 2015.

A vereadora fala também da memória arqueológica do local que remonta a essa época. No terceiro piso da Torre Medieval, de 1515, estão expostas peças de cerâmica de uso doméstico, moedas, que fornecem pistas da vida

cotidiana do século XVI. “Vamos reunir nessa comemoração representações de diversas associações, todos os reis folclóricos do Conselho, em um desfile extraordinário, a demonstrar a riqueza cultural de Barcelos, em que se inclui um coro de 500 vozes que se apresentará ao ar livre. A partir do início deste ano, inclusive já estamos a promover um ciclo de conferências a cada dia sete do mês, com temas diversos como direitos do homem à arte, cultura, música, pintura, para mostrar a evolução de Barcelos desde 1515 a 2015.” O Rio de Janeiro, que comemora 450 anos, cá estamos a comemorar a efeméride de nossos 500 anos”, expõe.

À frente de uma história rica por seu patrimônio histórico, a exemplo do Teatro Gil Vicente, com uma agenda permanente, lembrando a figura ilus-

tre do dramaturgo. Maria Elisa diz que a cidade é referência pelos diversos museus, festas anuais como a do carnaval, a das flores, destacando o caminho para Santiago de Compostela, cuja celebração ocorre a cada 25 de julho, Dia de Santiago.

O evento tem como promoção os pedestrianistas que percorrem o mítico caminho com seus lava-pés em placas de pedra, descanso em pousadas específicas, com passagem pela ponte medieval construída pelos romanos sobre o rio Este. O roteiro inclui visita à Igreja do Convento que remonta a essa época e que termina com o ritual da Queimada Galega, na sede dos Amigos da Monta, oportunidade em que os brasileiros são convidados a conhecer essa cidade onde muitos conterrâneos já são residentes. ◇

## Lenda do Galo de Barcelos

Segundo a lenda, os habitantes de Barcelos andavam alarmados com um crime do qual não sabiam a autoria. Certo dia, apareceu um galego que se tornou suspeito. As autoridades resolveram prendê-lo, apesar dos seus juramentos de inocência e da alegação de que estava apenas de passagem em peregrinação a Santiago de Compostela para cumprir uma promessa. Condenado à forca, o homem pediu que o levassem à presença do juiz que o condenara. Concedida a autorização, ele voltou a afirmar sua inocência e, perante a incredulidade dos presentes, apontou para um galo assado que estava sobre

a mesa e exclamou: - É tão certo eu estar inocente, como certo é que esse galo vai cantar quando me enforcarem. O juiz empurrou o prato para o lado e ignorou o apelo. Mas quando o peregrino estava sendo enforcado, o galo assado cantou. Compreendendo o erro, o juiz correu para a forca e descobriu que o galego se salvara graças a um nó malffeito. O homem foi imediatamente solto e mandado embora em paz. Anos mais tarde, ele teria voltado a Barcelos para esculpir o Cruzeiro do Senhor do Galo em louvor à Virgem Maria e a São Tiago, monumento que se encontra no Museu Arqueológico de Barcelos.



▲ Monumento o Cruzeiro do Senhor do Galo

▼ À esquerda Paço dos Condes. à direita Câmara de Barcelos



▼ Maria Elisa Braga, vereadora de Cultura





▲ Vista aérea do Palácio Quinta da Bacalhôa, cujos jardins são abertos à visitação

# O colecionador de sonhos



▲ Comendador José Manuel Rodrigues Berardo.

Proprietário da Quinta da Bacalhôa, cujos vinhos de grife atravessam o Atlântico, tem uma história de vida digna de um roteiro hollywoodiano

MARCIA DENISE SILVEIRA

O comendador José Manuel Rodrigues Berardo, ou simplesmente Joe Berardo, possui história de vida singular, digna de grande roteiro cinematográfico. Visionário, pioneiro em diversos setores, tem negócios espalhados pelos quatro cantos do mundo, incluindo o Brasil, onde mantém um grande círculo de amigos. Condecorado com a Medalha Tiradentes pela Assembleia Legislativa do estado do Rio de Janeiro, Berardo é apaixonado pela arte e pelos vinhos. Entre as ramificações de suas atividades está a vinícola Quinta da Bacalhôa e uma coleção de arte cujo acervo comporta

**Condecorado com a Medalha Tiradentes pela Assembleia Legislativa do estado do Rio de Janeiro, Berardo é apaixonado pela arte e pelos vinhos**

mais de 40 mil peças, destacando-se obras de grandes artistas como Picasso e Miró. O comendador possui ainda a maior coleção de *art déco* do mundo e um conjunto de cinco peças de prata nas quais estão esculpidas imagens da descoberta e da Independência do Brasil. Mas foi longo o caminho percorrido por esse ilustre português até que se tornasse um grande empresário e colecionador.

Para dar vazão ao espírito aventureiro e fazer fortuna, Berardo trocou a Ilha da Madeira, onde nasceu, pela África do Sul aos 18 anos. No novo continente, trabalhou inicialmente na colheita de legumes, tornou-se vendedor e em seguida gerente. Nesse período, adaptou-se à cultura local, aprendeu a falar africâner e inglês. Já ambientado, com aguçado tino empresarial, passou de empregado a patrão e fez amizades importantes. Seu grande salto se deu com a desvalorização do ouro, em 1978. Na época, já casado e pai de dois filhos, enriqueceu aproveitando os resíduos das minas abandonadas. Depois, passou a investir em minas de diamantes, expandindo os negócios de mineração no Canadá e na Austrália. Hoje tem participação nas áreas de telecomunicações, petróleo e gás, hotelaria, bancos, tabaco, informática, papel e até cinema, empregando cerca de dez mil colaboradores. Além disso, a Quinta da Bacalhôa, cujos vinhos de sua grife atravessam o Atlântico, tem braços em todo o Brasil e chega às taças de conhecedores e *sommeliers* prestigiados e especiais.

José Berardo, condecorado em 1985 pelo governo português com a Ordem do Infante D. Henrique no grau de comendador, investe parte da fortuna em coleção de arte e na preservação da natureza. O comendador, que na infância colecionava selos, caixas de fósforos e cartões de navios, hoje possui cinco museus e dois belíssimos jardins abertos à visitação, além de uma Fundação que já concedeu mais de 16 mil bolsas de estudos. ◊



▼ Vinhedos junto ao Palácio Quinta da Bacalhôa. As exportações para consumidores exigentes ao redor do globo têm no Brasil mercado consolidado



**José Berardo, que recebeu em 1985 da Ordem do Infante D. Henrique o grau de comendador, investe parte da fortuna em sua coleção de artes e na preservação da natureza. Se na infância colecionava selos, caixas de fósforos e cartões de navios, hoje possui cinco museus e dois belíssimos jardins abertos à visitação, além de uma Fundação que já concedeu mais de 16 mil bolsas de estudos**



▲ Jardim da Fundação, na Ilha da Madeira, que já concedeu 16 mil bolsas de estudos

# O cônsul de Portugal no Rio

Diplomata fala da experiência de viver numa das cidades mais belas do mundo

“Para um diplomata português servir numa cidade historicamente ligada a Portugal é uma oportunidade honrosa”

MARCIA DENISE SILVEIRA

**N**uno de Mello Bello abriu as portas do Palácio São Clemente para receber a equipe da revista *Persona Mulher*. Em uma entrevista informal, o diplomata, que há três anos ocupa o cargo de responsável máximo do Consulado Geral de Portugal na capital fluminense, relatou a experiência que, segundo ele, é uma grande honra, prazer e responsabilidade. “Para um diplomata

português servir numa cidade historicamente ligada a Portugal é uma oportunidade honrosa. Viver durante alguns anos no Rio de Janeiro, pelo dinamismo, beleza desta cidade e simpatia natural do carioca, é também um grande prazer. Tudo isso acumulado com muito trabalho, uma vez que se trata de um dos maiores postos consulares de Portugal no mundo e em que as representações são igualmente importantes”, destaca.

De acordo com Nuno Bello, cerca de 300 a 350 mil portugueses frequentam o consulado no Rio de Janeiro. São portugueses, luso-brasileiros, que ainda têm família no país, possuem passaporte português ou cartão de cidadão ou ainda possuem propriedades em Portugal. Durante os últimos anos, houve aumento da chegada de portugueses no Brasil e do pedido de cidadania portuguesa por parte dos brasileiros descendentes de portugueses. “Tenho verificado o crescimento da chegada de novos portugueses, que fugiram da crise. São profissionais que tanto podem estar aqui como em Portugal, Londres ou Paris. É um mercado de trabalho flutuante completamente diferente do que era a imigração no século passado. Outro aspecto importante que verifico é a crescente quantidade de brasileiros que por serem descendentes de portugueses pedem a cidadania portuguesa. Os motivos são diversos. Tanto pode ser para prestar uma homenagem aos antepassados como para os filhos estudarem na Europa ou ainda para entrarem sem visto nos Estados Unidos”, analisa.

O cônsul, que ingressou na carreira diplomática em junho de 1987, já passou

por Cabo Verde, África do Sul, Bélgica, Canadá e Itália, sendo Roma o último posto antes do Rio de Janeiro. No Brasil desde 2012, vê na língua em comum uma vantagem para que haja uma maior integração cultural e econômica entre as duas nações. “A língua comum pode ajudar a integração cá e lá. Em todo o caso, entendo que as duas cidades têm características muito próprias. São cidades abertas ao mundo, muito procuradas pelo turismo, com algumas semelhanças na arquitetura, mas com características diferentes que fazem com que os seus habitantes também o sejam”, observa.

O ano em que se comemora os 450 anos do Rio de Janeiro é para Bello um momento histórico de celebração do antigo e do novo. “Tenho sempre muito presente que historicamente estamos a comemorar a fundação de uma cidade portuguesa, que, depois, por circunstâncias da História, transformou-se na capital do Reino de Portugal e que durante quase 150 anos foi a capital deste grande país que é o Brasil. Com o atual dinamismo, sinto que o Rio de Janeiro passa por um período de afirmação muito saudável.”

Casado e pai de três filhos, desde que chegou à Cidade de Encantos Mil reside no Palácio São Clemente, em Botafogo, zona sul carioca, com a esposa e a filha mais nova. O local, que já foi sede da embaixada portuguesa, chama a atenção de quem passa devido às características arquitetônicas de uma suntuosa residência lusitana do século XVIII, com uma capela barroca, tapeçaria e azulejos típicos da cultura lusa. Mas ao contrário do que muitos pensam, a casa foi erguida no final de 1950, a representar uma vitrine da excelência portuguesa no Brasil. De acordo com o cônsul, morar no Palácio é, ao mesmo tempo, um prazer e uma responsabilidade trabalhosa, especialmente para a consulesa, Ana Rita. “Minha esposa é meu braço direito. Temos tentado manter a casa sempre em condições de dignidade, o que implica um trabalho e uma atenção diária. O fato de ter a casa aberta para eventos culturais e econômicos por-

tugueses, também nos obriga a uma constante gestão de calendários”, pondera.

Nesse sentido, o casal de diplomatas portugueses, além de abrir os salões do Palácio para a tradicional data de 10 junho, quando é celebrado o Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas, promove a economia e a cultura lusitana com mostras imobiliárias, degustação de vinhos, desfiles de moda, concertos, exposições e palestras. “Desde que cheguei tive a consciência de que a casa não era somente a minha residência, mas uma imagem de Portugal no Rio de Janeiro”, afirma.

Nas horas livres, o cônsul diz optar por estar com a família, ler, praticar esporte, visitar uma praia sem multidões, “o que é mais difícil aqui do que em Portugal”, conviver com amigos e velejar. “Graças a Deus tenho alguns amigos que me convidam para velejar pela Baía de Guanabara, mar que se identifica com o destino de Portugal”, conclui. ◇

Imagens do consulado de Portugal no Rio



▼ Cônsul português no Rio de Janeiro, Nuno de Mello Bello

FOTOS: RODRIGO FROTA





▲ Futuras instalações do Museu do Amanhã

# Rio maravilha

DA REDAÇÃO

**E**duardo Paes, prefeito da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, em entrevista exclusiva à *Persona Mulher* diz que, desde o primeiro mandato, em 2008, assumiu o compromisso de transformar a cidade, melhoran-

do a mobilidade urbana, a educação e a saúde. Nesse sentido, afirma que o principal desafio tem sido o de impactar o menos possível o cotidiano dos cariocas. “Estamos construindo um Rio melhor para o carioca viver. Portanto, o grande desafio nesse período tem sido concluir a transformação da cidade gerando o mínimo de transtornos para moradores e visitantes. A reurbanização da região portuária, o projeto Porto Maravilha, é um bom exemplo disso. É um Rio novo, com mais mobilidade, educação e saúde”, explica.

A obra, proveniente da Parceria Público-Privada do Porto Maravilha, está reurbanizando uma área de cinco milhões de metros quadrados, “praticamente sem dinheiro público”, destaca. “Ali surgirá uma nova frente marítima que vai integrar a Praça XV, a Praça Mauá e as esplanadas, formando uma ampla área de convivência com equipamentos de cultura e lazer. Vamos melhorar ainda a mobilidade urbana na região, com a inauguração do Veículo Leve sobre Trilhos (VLT) no Centro e a construção de três túneis, dois deles já entregues à população. Os

Do Rio colonial, que provém de uma arquitetura portuguesa, ao Porto Maravilha, reside as grandes transformações por que passa a cidade do Rio de Janeiro, que com 450 anos de história, se prepara para as Olimpíadas de 2016



▼ Eduardo Paes, prefeito da cidade do Rio de Janeiro, em visita às obras do Porto Maravilha

FOTOS: REPRODUÇÃO

cariocas terão o centro da cidade de volta, não só como local de trabalho, mas como área residencial, cultural e turística.”

A preservação e valorização do patrimônio histórico do Rio de Janeiro é outra preocupação do atual gestor. Assim, tanto a região portuária quanto o Centro Histórico do Rio passam por um momento de revitalização urbana e valorização de sua história e cultura, onde a arquitetura portuguesa está presente. “Prédios históricos estão sendo revitalizados e ganhando novos usos. Há dois anos, inauguramos o Museu de Arte do Rio, localizado na Praça Mauá. Quase em frente, até o fim do ano, a cidade ganhará o Museu do Amanhã, que apresentará uma visão de futuro e sustentabilidade para os visitantes”, adianta. “Este ano, completamos 450 anos, e nossa história está por todos os cantos da cidade, das zonas sul à oeste, passando pelo Centro Histórico. Valorizar nossa história e nossa cultura é um dever de todo o carioca”, ressalta.

Entre as celebrações do Rio, 450 Anos, Eduardo destaca o festival Por-

tugal no Rio. “É um presente do governo português para a cidade do Rio de Janeiro. A programação portuguesa acontece em sua maior parte na Cidade das Artes”, diz.

O prefeito, que assumiu o segundo mandato em 2012, quer ser lembrado como o gestor que melhorou a qualidade de vida e diminuiu a desigualdade entre a população carioca. “Quando entregamos um projeto como o BRT Transcarioca, por exemplo, estamos integrando mais a população e trazendo mais qualidade de vida para a população, que antes demorava duas horas pra cruzar trechos da cidade e agora leva 40 minutos”, observa. Para ele, as Olimpíadas representam um marco para a cidade palco de grandes eventos como o carnaval, *réveillon* e Rock in Rio. “Sempre digo que a cidade era uma antes dos Jogos e será completamente diferente – e melhorada – após os Jogos. Estamos trabalhando para que, após as Olimpíadas de 2016, o Rio de Janeiro passe a ser o exemplo de legado olímpico para a população, uma cidade mais moderna, inclusiva e desenvolvida”, promete. ◇

**“Este ano, completamos 450 anos, e nossa história está por todos os cantos da cidade, das zonas Sul à Oeste, passando pelo Centro Histórico. Valorizar nossa história e nossa cultura é um dever de todo o carioca”**

## Rio colonial

A antiga Rua Direita, atual Primeiro de Março, ao longo dos anos foi um teatro vivo da história da cidade, refletindo suas transformações no comércio e arquitetura. Atravessado pela Rua Direita, o Largo do Carmo era palco de procissões religiosas e cortejos civis que saíam das respectivas igrejas. Assim também foi no casamento do imperador D. Pedro I e D. Leopoldina.





▲ Flávia Saraiva, revelação na ginástica nacional, é uma das grandes apostas ao pódio em 2016

# Olimpíadas no feminino

DA REDAÇÃO

Desde que Maria Lenk foi a primeira brasileira e sul-americana a participar de uma Olimpíada, em 1932, não só a presença feminina tem aumentado como o número de medalhas conquistadas por elas. De lá para cá, das 108 medalhas brasileiras, 20 são femininas, em esportes coletivos ou individuais. Para os Jogos Rio 2016, entre os nomes que são esperança de medalhas estão os das cariocas Flávia Saraiva,

Rafaela Silva e Juliana Veloso.

A ginasta Flávia Saraiva, com apenas 15 anos, já traz no currículo grandes vitórias. Em maio, durante a Copa do Mundo de Ginástica, realizada em São Paulo, ela não decepcionou e conquistou ouro no solo e prata na trave em sua estreia na categoria adulto. No ano passado, durante os Jogos Olímpicos da Juventude, Flávia já havia conquistado as medalhas de ouro no solo e as pratas no individual geral e na trave.

Determinadas, no currículo, trazem dedicação, garra, vitórias e expectativas de superação

Já a judoca Rafaela Silva, medalhista de bronze no Grand Slam de Tóquio 2012, no Japão, conquistou, em 2013, a medalha de ouro no Pan-Americano de Judô. Em agosto do mesmo ano, Rafaela entrou para a história do judô brasileiro ao tornar-se a primeira brasileira campeã mundial de judô. Em fevereiro de 2015, a atleta venceu o Grand Prix de Dusseldorf, na Alemanha.

Juliana Veloso é a principal referência feminina em saltos ornamentais. Primeira medalhista em Jogos Pan-Americanos na modalidade, com conquistas na edição de Santo Domingo, em 2003, e na do Rio de Janeiro, em 2007: é prata e bronze na plataforma de 10 m e bronze no trampolim de 3 m. No currículo, participações em quatro Olimpíadas e uma final de campeonato mundial, em Fukuoka (Japão) – feito inédito para uma saltadora brasileira.

No coletivo, as equipes brasileiras também têm preferência. No vôlei e no basquete, elas se mantêm no pódio olímpico desde 1996. A Seleção Brasileira de Voleibol feminino é considerada uma das seleções mais fortes do mundo. No vôlei de praia duas duplas aparecem na briga por medalhas olímpicas: Juliana e Maria Elisa venceram o circuito mundial em 2014 e Larissa e Talita possuem a maior sequência de vitórias seguidas da modalidade no país: foram 61 nos circuitos brasileiro e mundial. Larissa e Talita conquistaram o título da temporada 2014/2015 por antecipação, e Juliana e Maria Elisa foram eleitas a melhor dupla do ano.

No futebol, as mulheres expressam todo o espírito guerreiro das demais brasileiras. Depois do histórico título mundial, conquistado em 2013, a seleção feminina de handebol terminou a temporada passada vencendo o Torneio Internacional da Espanha. Outra favorita ao pódio é a seleção brasileira feminina de rúgbi *sevens*, esporte que faz a estreia olímpica em 2016. A equipe brasileira é decacampeã do continente, sem ter perdido nenhum jogo. ◇



► ▼ Rafaela Silva durante a comemoração pela conquista inédita de uma medalha de ouro no mundial de judô. Abaixo, Juliana Veloso referência em salto ornamental



► Seleção feminina brasileira de rúgbi, cuja modalidade estreia nas olimpíadas em 2016. A equipe, decacampeã é uma das favoritas ao pódio



# Um século de encantamento

DA REDAÇÃO

**M**aria Ercília Leite de Castro, presidenta do Conselho de Administração, herdou do pai a missão de administrar um dos cartões-postais da Cidade Maravilhosa. O Bondinho do Pão de Açúcar, inaugurado em 1912, é considerado um dos locais mais bonitos e visitados do mundo e está incluído no mapa turístico carioca como um dos principais ícones da cidade. Primeiro no Brasil e terceiro no mundo, o teleférico foi construído, operado e administrado pela Companhia

Caminho Aéreo Pão de Açúcar, empresa fundada em 14 de junho de 1911, de capital privado 100% nacional. O Bondinho completa 103 anos em 27 de outubro de 2015, tendo transportado, desde a inauguração, milhões de turistas nacionais e estrangeiros. “Nossa missão é transportar os visitantes com segurança e conforto para um mundo de encantamento, onde é possível tornar o passeio ao Pão de Açúcar um momento inesquecível”, ressalta.

Para ela, a história do bondinho está diretamente ligada ao desenvolvimento da cidade. O idealizador, Augusto Ferreira Ramos, imaginou um caminho aéreo até o Pão de Açúcar ao participar, em 1908, de uma exposição na Praia Vermelha em comemoração ao centenário da abertura dos portos às nações amigas. Com um capital inicial de 360 contos de réis, foi fundada a Companhia Caminho Aéreo Pão de Açúcar e, em 1910, foi iniciada a construção do primeiro teleférico brasileiro. “Na obra, trabalharam brasileiros e portugueses com equipamentos e materiais alemães, que foram transportados para o alto dos dois morros por centenas de operários, numa ousada operação para a engenharia da época”, destaca Maria Ercília. ◇

Um dos pontos turísticos mais conhecidos do Brasil e do mundo, proporciona aos turistas um momento inesquecível



► Maria Ercília, presidenta do Conselho de Administração

FOTOS REPRODUÇÃO



# Cota 200 Restaurante

Um novo sabor à contemplação da natureza no Morro da Urca

DA REDAÇÃO

**P**or mais de um século, o Bondinho do Pão de Açúcar é um dos cartões-postais mais conhecidos do Rio de Janeiro e do mundo. Além de proporcionar uma experiência exuberante, recentemente, o espaço ganhou uma nova atração. A 200 metros acima do nível do mar foi inaugurado no Morro da Urca o Cota 200 Restaurante, dando um novo sabor à contemplação da natureza. “Nossa proposta é presentear o visitante que terá a oportunidade de desfrutar uma ótima gastronomia, com ingredientes surpreendentes, em um ambiente especial que revela a verdadeira elegância do seu jeito de ser carioca”, diz Maria Ercília Leite de Castro, presidenta do Conselho de Administração.

O projeto, assinado pelo escritório Mac & Godinho Arquitetura, traz a magnífica paisagem do seu entorno que descortina a Baía de Guanabara para dentro de seus salões.

A carta de vinhos e cervejas especiais fica por conta do premiado sommelier João de Souza.

Preparado para atender nos quatro momentos do dia, o Cota 200 é uma ótima opção para um rápido lanche,

almoço, *happy hour*, reuniões de negócios, jantar e eventos particulares.

Com uma gastronomia tipicamente brasileira, um ambiente charmoso e moderno revela a verdadeira elegância do jeito de ser carioca. ◇



**Cota 200  
Restaurante**  
– Av. Pasteur,  
520, Urca – Rio  
de Janeiro. Ca-  
pacidade: 210  
lugares. Tel:  
2543-8200.  
[www.cota200restaurante.com.br](http://www.cota200restaurante.com.br)





**Hospital Veterinário  
Dr. Antônio Clemenceau**

**ESPECIALIDADES**

Acupuntura  
Anestesiologia  
Cardiologia e Pneumologia  
Clínica Cirúrgica Geral  
Clínica Médica Geral  
Dermatologia  
Fisioterapia e Reabilitação  
Nefrologia e Urologia

Neurologia  
Odontologia  
Oftalmologia  
Oncologia  
Ortopedia e Traumatologia  
Terapia da Dor  
Terapia Intensiva

 **Serviço Pet**  
Nós também temos!

 **Atendimento 24h**  
Para sua segurança!

Setor de Áreas Isoladas Sul Lote 14 - Brasília/DF

**(61) 3245-1907**

**24 horas**

[contato@hospitalclemenceau.com.br](mailto:contato@hospitalclemenceau.com.br)

[www.hospitalclemenceau.com.br](http://www.hospitalclemenceau.com.br)

[www.facebook.com/hospitalclemenceau](https://www.facebook.com/hospitalclemenceau)



**desde  
1978**



# Sexy, o vinho da sedução



**V**inho Sexy espumante, em sua embalagem rosa ou dourada, é excelente para comemorações especiais. Para seu produtor e enólogo, Antônio Maçanira, é um vinho agradável, próprio para se beber em um coquetel, em momento de descontração entre amigos. Também é ideal para acompanhar refeições leves.

Fabricado em 2012 pela Vinícola Fitapreta, traz um instigante rótulo que o faz atraente e sedutor. Produzido com o mesmo método do *champagne*, com castas de uvas selecionadas em uma mistura de quatro colheitas diferentes, vindimados à mão, fermentado e envelhecido em garrafa, com um equilíbrio que o faz especial!

Comercializado na França e em Portugal, no Brasil pode ser encontrado na Confraria Carioca, em Botafogo.

## Restaurante Albamar O castelo da Praça XV

A história do Albamar se confunde com a do Rio de Janeiro. Construído há 82 anos, em 1933, no antigo mercado da Praça XV, o Albamar mantém a tradição de oferecer o melhor cardápio de peixe da cidade. A descortinar a Baía da Guanabara, é um cartão-postal nas comemorações do Rio, 450 Anos



Praça Marechal Âncora, 184 - Centro  
Reservas: tel. (21) 2240-8378 / 2240-8428  
De segunda a domingo, das 12h às 17h  
[www.albamar.com.br](http://www.albamar.com.br)  
[eventos@albamar.com.br](mailto:eventos@albamar.com.br)





# Piantella

## Tradição e modernidade em Brasília

DA REDAÇÃO

Valéria Vieira está à frente da nova imagem do Piantella. A jornalista que também é formada em gastronomia assumiu o desafio em parceria com o marido, o advogado Antônio Carlos de Almeida Castro, o Kakay. Em entrevista à revista *Persona Mulher*, revela que quando o casal resolveu comprar a parte do antigo dono, de quem Kakay era sócio há 17 anos, o

Piantella, palco de grandes encontros políticos, onde governo e oposição sentam à mesma mesa, esteve prestes a fechar definitivamente. “O Marco Aurélio [ex-sócio] começou a cansar depois de tantos anos, e chegamos em uma encruzilhada que era fechar a Casa, que passava por sérias questões administrativas, ou modernizá-la. Mas como fechar as portas de um lugar que é praticamente uma instituição de Brasília? Além disso, tinha a questão dos funcionários, são 64, sendo que o mais jovem tem 17 anos de casa. Não tivemos coragem de fechar e decidimos modernizar”, compartilha.

Seguindo o projeto inicial da arquiteta Elaine Verçosa, os ambientes foram modernizados e integrados à natureza, preservando o requinte característico do Piantella. A antiga lareira, que por décadas foi a marca do salão, deu lugar a uma parede de vidro que possibilita a vista das árvores e flores do jardim externo. Outra novidade foi a instalação de um fumódromo próximo ao bar, que continua no bom estilo inglês, mantendo o pianista, outra marca registrada da Casa. “O Mariozinho continua. Para não dar aquele choque para o cliente do Piantella, o bar continua o mesmo. Eu fiz um salão lá em cima, no qual a famosa mesa do Ulisses Guimarães continua. Eu queria modernizar a casa sem perder a essência do lugar”, afirma.

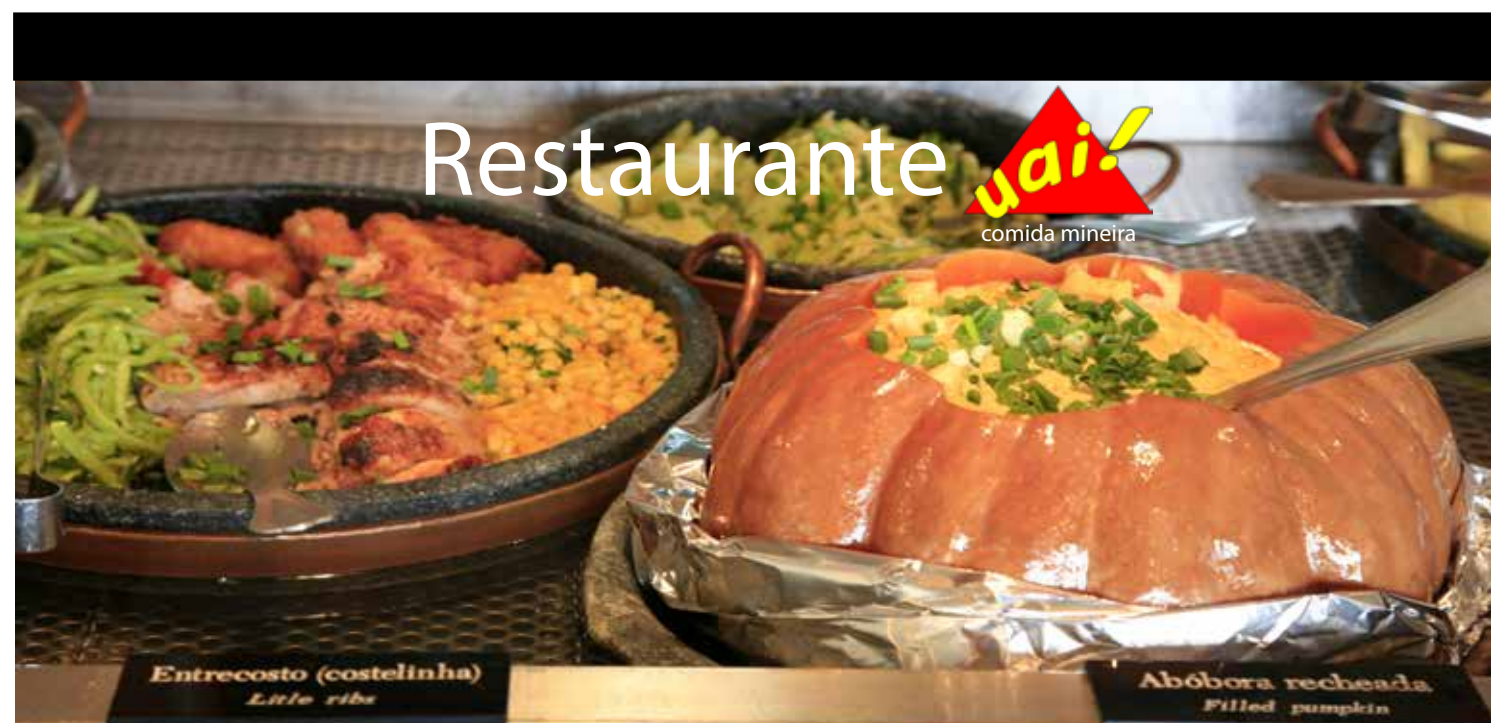
Quanto ao cardápio, segundo Valéria, que foi a primeira estrangeira a dar aula na renomada escola de gastronomia Leiths School of Food and Wine de Londres, na qual estudou, a ideia foi dar uma enxugada, mantendo o tradicional e acrescentando novas opções. “Reduzimos o cardápio de 20% a 25%, cortando pratos que já não eram novidade e não saíam tanto. Introduzi uma ou duas saladas, porque hoje em dia as pessoas querem algo mais leve. Um ou dois pratos vegetarianos”, conta a nova proprietária do Piantella, que fez questão de manter os mais pedidos, como o *fettucchine* com camarão, o *carpaccio*, o *filé à lá broché*, o frango *kiév*, a rã à provençal e o *escargot*. Também permanecem a tradicional feijoada dos sábados e o cozido dos domingos. ◇



Quarteto harmoniza o momento da refeição com músicas típicas italianas todas as noites

Don Camillo Ristorante e Pizzeria - Av. Atlântica, 3.056 - Copacabana - Rio de Janeiro - RJ

Tel. (21) 2549-9958 - Fax. (21) 2255-5126



## Restaurante



A gastronomia mais antiga do Brasil em Lisboa, feita em panelas de pedra de sabão.

Rua Professor Francisco Gentil, 33 - Telheiras - Lisboa - Portugal

Telefone: +(351) 213900111

www.uai.pt - uai@uai.pt